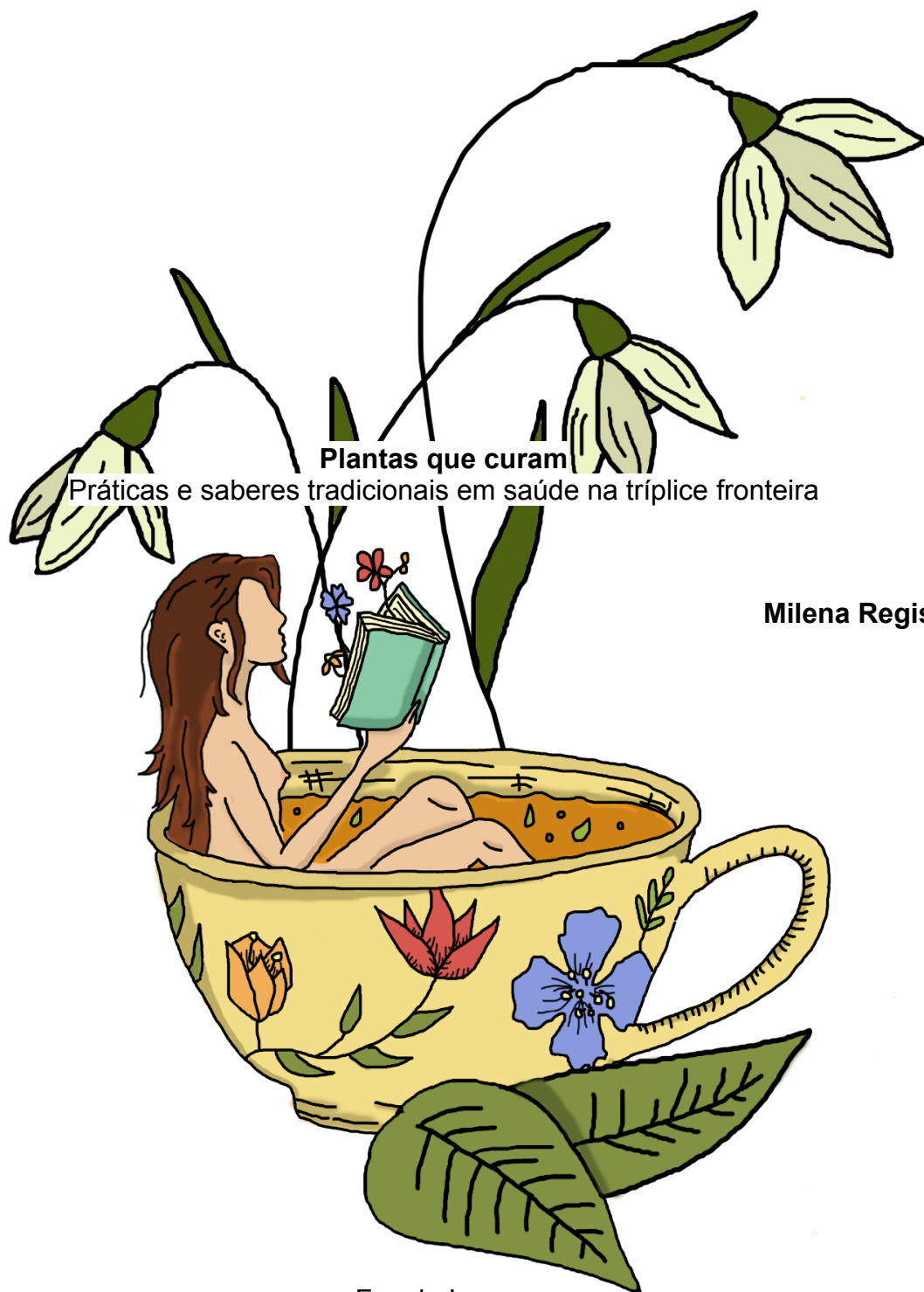




Plantas que curam
Práticas e saberes tradicionais em saúde na tríplice fronteira

Milena Registro

Foz do Iguaçu
2021

Plantas que curam

Práticas e saberes tradicionais em saúde na tríplice fronteira

Milena Registro

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Latino-Americano
de Arte, Cultura e História da Universidade
Federal da Integração Latino-Americana,
como requisito parcial à obtenção do título
de Bacharel em Antropologia – Diversidade
Cultural Latino-Americana..

Orientador: Prof. Dr. Anaxsuell Fernando da
Silva

Foz do Iguaçu
2021

MILENA REGISTRO

PLANTAS QUE CURAM

Práticas e saberes tradicionais em saúde na tríplice fronteira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Anaxsuell Fernando da Silva
UNILA

Prof. Dra. Silvia Lilian Ferro
Unila

Prof. Dr. António de La Peña (Nome do Professor)
Unila

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de ____.

Dedico este trabalho a todas encantadas e encantados que buscam trilhar suas vidas numa conexão intrínseca com tudo o que existe.

Agradecimentos

Meu processo de escrita, pesquisa e criação deste trabalho se deu semelhante a um processo de autoconhecimento. Um desenvolvimento doloroso, mas que eventualmente acabaria por ser libertador. E como todo caminho a ser percorrido num processo de autoconhecimento, devo agradecer imensamente àqueles que trilharam certas etapas comigo.

Agradeço profundamente a minha mãe que me ensina cotidianamente a graciosidade da vida, e a toda minha família que sempre apoiou meus sonhos e vontades e imergiu comigo em minhas decisões

Agradeço ao meu terapeuta Alisson que, em um repentino e improvável vínculo psicoterápico, me auxiliou a quebrar ciclos nocivos.

Agradeço as minhas amigas Joselaine, Beatriz, Geovanna, Ivana, Cíntia, Fernanda, Danielle, Rodolfo e ao meu companheiro Jean que em toda essa trajetória buscaram me proporcionar equilíbrio e confiança.

Agradeço ao meu professor orientador Anaxsuell que me guiou com muito acolhimento e simpatia nessa conclusão de curso, compartilhando muita sabedoria profissional e de vida. Sempre acreditando na minha capacidade de conseguir.

Agradeço à Sandra e Teolide pelos ensinamentos medicinais e o compartilhamento de memórias ancestrais, e as plantas que são minhas companheiras de vida.

Agradeço a professora Silvia e ao professor Antônio que aceitaram fazer parte da conclusão deste trabalho, também por toda contribuição valiosíssima em minha trajetória acadêmica

Agradeço a Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA) e a todos meus colegas, professores e funcionários do curso Antropologia

Diversidade Cultural Latino-Americana por toda troca de conhecimento que contribuíram para uma etapa transformadora em minha vida.

Por fim, como todo processo de autoconhecimento, é preciso primeiro ter a si mesmo. Agradeço a mim, ao meu corpo e mente que me proporcionaram viver essa experiência.

Para aqueles que têm a memória, que conseguiram de alguma maneira trazer consigo as referências dos seus ancestrais, e que vivem uma experiência permanente de troca com outros seres não humanos, se firmam na confiança de que os encantados tem a potência de mediar essa relação de mundos e nos potencializar para a experiência do cuidado ou da cura como uma capacidade intrínseca de cada pessoa.

Ailton Krenak

RESUMO

O uso das plantas com fins medicinais é uma prática tradicional ancestral, encontrada por todos os continentes, de se promover e fazer saúde. O saber que envolve essa medicina é comunitário e manifestado a partir de um emaranhado biodiverso que interliga humanos e não humanos. Apesar de atualmente existir diversos documentos e pesquisas científicas sobre o assunto, a medicina por meio das plantas sempre teve uma característica popular e seu conhecimento foi preservado por milhares de anos de forma oral, de gerações para gerações. No presente momento, devido a pandemia do coronavírus SARS-CoV-2, temos a recuperação e efervescência de discussões em torno da conceituação ocidental sobre saúde, o que abre margem para a revalorização deste saber. Que, no entanto, tem sido resgatado assumindo um lugar de complementação frente à medicina convencional, mesmo tendo existido independentemente muito tempo antes do surgimento desta. Por essa razão, este trabalho manifesta a importância de se realizar um reconhecimento por meio das gerações que preservaram esse conhecimento, buscando dentro da tríplice fronteira do Rio Paraná (Brasil, Argentina, Paraguai), e pela antropologia, diferentes itinerários de cuidado e busca por saúde com plantas, em profundas partilhas sobre a vida e a ancestralidade.

Palavras-chave: Plantas medicinais. Medicina tradicional. Modelos de saúde. Saber ancestral. Antropologia da Saúde.

RESUMEN

El uso de plantas con fines medicinales es una práctica ancestral tradicional, presente en todos los continentes, para promover y hacer salud. El conocimiento que envuelve a esta medicina es comunitario y se manifiesta a partir de una red de biodiversidad que une a humanos y no humanos. Aunque en la actualidad existen varios documentos e investigaciones científicas sobre el tema, la medicina a través de las plantas siempre ha tenido una característica popular y su conocimiento se ha conservado durante miles de años de forma oral, de generación en generación. En el momento actual, debido a la pandemia del coronavirus SARS-CoV-2, tenemos la recuperación y efervescencia de las discusiones en torno al concepto occidental de salud, lo que abre la puerta a la revalorización de este saber. Esto, sin embargo, ha sido rescatado asumiendo un lugar de complementación frente a la medicina convencional, a pesar de que existía de forma independiente mucho antes de la aparición de esta última. Por eso, este trabajo demuestra la importancia de realizar un reconocimiento a través de las generaciones que preservaron este conocimiento, buscando dentro de la triple frontera del río Paraná (Brasil, Argentina, Paraguay), y a través de la antropología, diferentes itinerarios de atención y búsqueda de la salud. con plantas, en profundo compartir sobre la vida y la ancestralidad

Palabras clave: Plantas medicinales. Medicina tradicional. Modelos de salud. Saber Ancestral. Antropología de la Salud

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Capa Livro Guia	48
Introdução	49
Sobre plantas e humanos	50
Cuidados com a utilização	51
Formas de consumo	52
Formas de consumo	53
Erva-Baleeira propriedades	54
Desenho Erva-Baleeira	55
Aroeira propriedades	56
Desenho Aroeira	57
Gervão-roxo propriedades	58
Desenho Gervão-Roxo	59
Picão-branco propriedades	60
Desenho Picão-branco	61
Beldroegão propriedades	62
Desenho Beldroegão	63
Pata-de-vaca propriedades	64
Desenho Pata-de-vaca	65
Chambá propriedades	66
Desenho Chambá	67
Lembrete	68
Referência	69

SUMÁRIO

Introdução	11
Das raízes: Narrativa contextual sobre a relação humano-planta	13
I.I Identidades do conhecimento, entre o tradicional e moderno	13
I.II Antropologia e fronteira como pontos de convergência	19
I.III Metodologia	22
Dos caules: História antropológica das plantas na tríplice fronteira	24
II.I Patrimônio Guarani	25
II.II Memória protegida	31
Das flores: Autoras da própria saúde	37
III.I Sandra	39
III.II Teolide	42
III.III Benquerença entre humanas e plantas	44
Dos frutos: Medicina viva	47
Considerações finais	70

Introdução

Vivemos um momento histórico em que convivemos com uma pandemia do novo coronavírus, patógeno causador da SARS-CoV-2, no qual precisamos repensar as nossas relações e nosso agir, e nesse movimento se faz necessário buscar uma reconexão com os conhecimentos tradicionais e com a nossa ancestralidade. O momento de crise na saúde pode ser uma oportunidade de que façamos um deslocamento de nos abrir para outras epistemologias de se fazer e pensar saúde, e valorizar esses saberes que a universidade por tanto tempo não considerou como importante ou que era possível fazer esse diálogo.

Ingressamos junto a esta crise sanitária um conflito político e ideológico, o qual utilizo dos termos do Stelio Marras, para nomeá-lo como *reacionarismo modernista*, que ataca as ciências (sociais e naturais) apontando que essas estão tomadas por perspectivas políticas e ideológicas, no mais pobre sentido de uma mera opinião subjetiva (MARRAS, 2021). Essa falsa posição de neutralidade que esse discurso reacionário modernista assume é consequente da própria modernidade como período histórico que prega a purificação desvinculada da ciência e abre espaço para que discursos como estes se coloquem na mesma posição de consensos científicos e saberes históricos, desmerecendo-os.

O conhecimento ancestral sobre a medicina das plantas também é alvo desse movimento reacionário, pela disseminação de fake news que contribuem para depreciar e inferiorizar a prática como método de se promover e fazer saúde. As dissimuladas desinformações, que são rapidamente transmitidas, propiciam que esse saber em torno das plantas seja atacado também pela própria academia, que busca desvincular-se cada vez mais da imagem de ideológica. Em consideração a todo esse cenário parto do princípio que expor o reconhecimento da medicina das plantas, dentro do seu integral cultural, têm o potencial de ser nossa forte aliada nos processos de autoatenção, não apenas pela práticas em si, mas por toda a consciência cultural que envolve esse saber.

Propus-me, então, a trabalhar com as plantas mediante uma conversa inspiradora com o meu orientador Anaxsuell, na época somente meu professor da disciplina de TCC II, em 2019. Há diversos fatores que me impulsionaram a pesquisar esse tema, um deles é o fato de cultivar diversas práticas com as plantas para fins medicinais e religiosos e de me reconhecer, e reconhecer minha família, nestas. Como também minha vontade de me

aprofundar mais intensamente no assunto, mas, sobretudo, ao fato de que no atual contexto histórico moderno que vivemos, as retomadas feitas pelas produções acadêmicas a este saber serem principalmente sobre os atributos biológicos das plantas. Onde não se busca considerar esta, dentro do seu integral modo tradicional cultural de se fazer saúde. Pressuponho e busco evidenciar que essa atribuição reducionista por parte da ciência acadêmica não influencie no efetivo modo de se fazer saúde com as plantas, principalmente porque os conhecimentos ditos modernos nunca anularam os conhecimentos tradicionais, e as pessoas que pertenciam esses conhecimentos continuaram a difundir para suas gerações de maneira integral.

I. Das raízes: Narrativa contextual sobre a relação humano-plantas

I.I Identidades do conhecimento, entre o tradicional e moderno

O uso das plantas com fins medicinais tem uma origem milenar, um conhecimento empírico que aparece presente junto a humanidade e outros animais desde os primórdios. As plantas tiveram abundantes significados para humanidade, utilizadas tanto de maneira medicinal, alimentícia quanto ritualística, portanto foram e ainda hoje são aproveitadas de várias formas: como matéria prima para objetos, para a culinária de alimentos e bebidas, para usos religiosos, usos ornamentais, como estimulantes e entorpecentes e claro para usos terapêuticos. O registro escrito mais antigo que se tem conhecimento sobre a medicina das plantas foi consignado na China, por volta de 3000 a.C. sobre as propriedades do Ginseng, posteriormente encontra-se manuscritos do Egito, cerca de 1500 a.C (BRAGA, 2011), entretanto de modo geral a aplicação de plantas na saúde humana surge autonomamente na maioria dos povos como um saber prático e verbal.

A região Latino-americana por abrigar a maior biodiversidade do nosso planeta (ONU, 2021) contém longos históricos de descobertas e relatos, tanto populares como científicos, em torno das plantas. Por esse mesmo motivo a América Latina foi e é submetida a recorrentes pesquisas e expropriações que objetivam a produção de fármacos, essas incitadas principalmente por transnacionais. No caso brasileiro o conhecimento dessa prática médica tradicional esteve sob o cuidado dos curandeiros e nas curandeiras de alguns povos originários, e como em outros lugares do continente, o conhecimento inicialmente era transmitido somente oralmente. A tradição de saberes propagada por via oral tem como substancial a preservação de memórias, histórias e materiais culturais dentro apenas de suas gerações.

Todavia, com o processo de colonização, isto é, a invasão europeia, as informações sobre usos de plantas começaram a se mesclar, incorporando também conhecimentos dos povos africanos os quais foram trazidos forçadamente ao continente americano. Nesse contexto, a indústria farmacêutica brasileira surge com base na sabedoria ancestral das plantas medicinais (NETO, 2015). O insaciável interesse externo sobre os saberes originários resultou na apropriação e exclusão das populações tradicionais e originárias frente a historização da propriedade intelectual destes conhecimentos. Para a produção de fármacos foram inicialmente extraídos os princípios ativos das plantas e manipulados de acordo com a precisão do remédio, contudo se a

indústria farmacêutica, que é uma das mais rentáveis em escala global, continuasse apenas tendo como base as plantas não seria capaz de atingir a fabricação em larga escala que buscava, e portanto introduzida-se o processo de sintetização destas substâncias.

Sendo assim, até meados do século XIX, antes do processo de industrialização no país, a maioria da população se encontrava em espaços rurais, caracterizados por preservar e consagrar esse saber ancestral. Quando a indústria tornou-se o setor econômico dominante, as bases agrárias e artesanais foram abandonadas, e consequentemente o conhecimento tradicional também foi desvalorizado. Nesse momento, a medicina convencional (ou moderna) emergiu com muita influência, e é dessa forma que ocorre uma substituição dos medicamentos naturais, ou mesmo naturais manipulados, pelos medicamentos sintéticos modernizados.

Entretanto, além da sintetização dos medicamentos¹, ocorre junto a esse processo, uma mudança estrutural na percepção sobre saúde e consequentemente doença. Para minha análise destaco a concepção do antropólogo Eduardo Menéndez (2005), de que, com o estabelecimento do modelo médico ocidental, as práticas e saberes em torno de saúde e doença tornam-se algo exclusivo do saber médico profissionalizado e por resultado convencionaram-se as demandas de saúde a: diagnóstico e tratamento de sintoma (MENÉNDEZ, 2005). Gerando, portanto, uma despolitização desses processos que estão diretamente ligados aos modelos de vida da população, como também impedindo outras ações de atenção e cuidado, que permeiam a concepção de saúde, atuem.

Atualmente, no Brasil as plantas aparecem de volta às tendências de pesquisa no país como uma possibilidade natural e acessível de cura. Diante disso e de outras causas, como o elevado custo de medicamentos e a precarização dos setores de saúde, surge em 2006 a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) que tem o objetivo de implantar no Sistema Único de Saúde (SUS) as ações e serviços com plantas medicinais, contemplando também a homeopatia, medicina tradicional chinesa, entre outras. Com a finalidade de abranger toda a cadeia produtiva da plantas, em 2006 também é criada a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicas

¹ A medicalização de corpos e a globalização dos fármacos não é um dos temas que pretendo me debruçar profundamente na pesquisa, todavia como uma das discussões fundamentais na Antropologia da Saúde, indico como referência o artigo “Antropologia dos medicamentos: uma revisão teórico metodológica” da autora Rosana Castro.

(PNPMF) que, portanto, oferece a população as plantas medicinais, tanto em sua forma fresca (in-natura), como seca, manipulada e industrializada.

Em Foz do Iguaçu, Paraná a PNPMF começa atuar nas unidades básicas de saúde (UBS) desde 2008 e se estende até o ano de 2015, durante esses sete anos de atuação suas ações tiveram o propósito de incentivar conhecimento sobre a biodiversidade local por meio da medicina das plantas, estabelecendo relações cooperativas com a comunidade fronteiriça, as universidades da região, as instituições socioambientais e também os laboratórios farmacêuticos. Dessa maneira, diversos sub-projetos surgiram por meio dessas relações ocorrendo uma ampliação das práticas para fora das UBS, por exemplo a possibilidade de criação de vários hortos por agricultores familiares, como também a criação de jardins urbanos particulares. Assim, se supõe que para além desse momento de atuação do projeto deveria acontecer uma ativa revalorização dos saberes populares na região fronteiriça.

No entanto, assim como em Foz do Iguaçu que projeto se manteve somente durante sete anos, muitas outras cidades em que ele foi aplicado foram notificados baixíssimos índices de demanda, ocasionando o encerramento do projeto em muitos lugares, tal como do direcionamento de verba para a oferta de educação sobre medicinas alternativas. Não obstante, é perceptível que o desfecho insatisfatório desse projeto não se dá apenas pelo motivo da falta de recursos financeiros, mas também por conta da ausência de articulação com as comunidades locais. Isto significa que, ironicamente o conhecimento produzido nas academias sobre as plantas medicinais, que é de origem popular, não conseguiu dialogar com seu público, pois mesmo ainda sendo possível requerer um tratamento com plantas no SUS, poucos usufruem desse meio e muitos nem chegam a ter essa informação. O que acontece então? Acredito que seja nesse ponto onde entra a relevância e necessidade desta pesquisa, especialmente se considerarmos a intenção que existe em estudar a medicina das plantas através da antropologia.

Como retratado anteriormente, é preciso lembrar que após as revoluções científicas surgiu um apreço cultural pelo avanço industrial e pelo moderno, e foi nesse momento em que aconteceu uma grande mudança sobre o conceito de saúde local. O filósofo Edgar Morin (1996) explica que neste processo de secularização ocorreu uma invalidação do pensamento mítico/simbólico/mágico em consequência da notoriedade do pensamento racional/lógico/científico, diante disso a medicina das plantas que tinha muito expressivo esse cunho “mítico/simbólico/mágico” foi lida como ultrapassada por seu contexto. Por isso, mesmo que atualmente esse saber seja resgatado, ele não é mais

reconhecido dentro de seus próprios princípios, assumindo uma nova identidade dentro do âmbito científico, para ser “validado” como um método capaz de promover saúde. Dentro do modelo médico hegemônico o papel dos sujeitos e das condições sociais é inferiorizado no processo de saúde e doença, e não há espaço para essa dimensão cultural ideológica nos princípios biologistas e individualistas desse (MENÉNDEZ, 2005).

Dentro de um contexto geral a medicina das plantas se expressou de distintas formas em diversos lugares, nunca atuando como uma categoria pura e idêntica, porém se pusermos ênfase em nosso contexto local, perceberemos que este conhecimento veio por meio de um saber originário que tende a interpretar a relação de natureza e cultura como indissociáveis, o que implica diretamente em como concebe-se a medicina das plantas.

O debate em torno da disjunção entre natureza e cultura é recorrente dentro do âmbito antropológico, a compreensão da natureza como algo externo ao mundo humano acompanha a antropologia desde a inserção da premissa que a genética não era determinista da cultura e do comportamento humano. A apresentação dessa fronteira, que foi capaz de apartar a natureza (e não-humanos) do mundo humano, é a responsável decisiva na separação e caracterização do Ocidente do resto do mundo (SÜSSEKIND, 2018). Entretanto, no pensamento antropológico contemporâneo surgem diversas correntes de contestação sobre essa disjuntura, fundamentadas principalmente nos saberes dos povos originários que compartilham uma percepção de unidade mútua. Em minha pesquisa busco já partir dessa condição, onde a retomada aos saberes originários é consequentemente exercer a reconexão deste vínculo.

Não é possível generalizar as perspectivas ameríndias, no entanto em muitos estudos como o do antropólogo Philippe Descola (2012) com os povos amazônicos Achuar é expressivo que a nossa necessidade de opor conceitos é muito questionada dentro dessa concepção:

[...] Embora difiram em sua arquitetura interna, a característica comum a todas essas cosmologias é não separar o universo da cultura, que seria apanágio exclusivo dos humanos, do universo da natureza, no qual estaria incluído o restante das entidades que constituem o mundo. Os animais, e as plantas em menor medida, são aí percebidos como sujeitos sociais, dotados de instituições e de comportamentos perfeitamente simétricos àqueles dos homens (DESCOLA, 2012 apud FEIJÓ, p.58).

O conceito de natureza portanto, não é visto como um recurso que sustente artifícios materiais e econômicos para os seres humanos, mas é literalmente tido como

um todo que engloba o próprio ser humano, assim a identidade humana está no conceito da natureza, e reciprocamente ambos são substanciais um para o outro. A medicina das plantas é nutrida nessa perspectiva que não é temporalizada, nem pré-científica, e sim paralela: “acumulada nas mentes de milhões de homens e mulheres que diariamente manejam a natureza utilizando justamente essas técnicas, essas espécies e esses sistemas” (TOLEDO, BARRERA, 2019, p.86).

Em função disso, mesmo após o processo de secularização, sabemos que as pessoas que cultivam esse conhecimento ancestral nunca deixaram de fazer seu uso e de transmiti-lo, e é por essa razão que foi possível preservá-lo e fazer com que este chegasse nas pesquisas acadêmicas até alcançar sistemas influentes como o SUS. Todavia, entende-se que a medicina das plantas não age apenas devido aos seus princípios ativos em contato com nosso organismo, mas também por meio da tradição envolvida em cada uso.

O escritor naturalista Moisés Bertoni (1927), que dedicou mais de 40 anos de estudo sobre plantas medicinais na região paraguaia tri fronteiriça, evidencia em seus estudos etnográficos com povos Guaraní a influência da tradição:

En la acción de los medicamentos siempre hay algo místico y en el medicamento hay algo de la personalidad de quien lo da, y en el enfermo que lo tome, debe de haber siempre cierta receptividad sugestiva. Así solamente el remedio surtirá efecto o todo su efecto² (BERTONI, 2008³, p.46).

Em outras palavras, não há o propósito genuíno de cura ancestral em uma medicina a base de plantas que ocorra mediante a separação dessa conexão entre tradição e medicina, e quando esse conhecimento é levado para além do seu “local de procedência”, para laboratórios gélidos que buscam apenas de suas propriedades bioquímicas e sua institucionalização, é realizado de uma maneira que seus valores culturais são inferiorizados e abandonados, assim o propósito dessa medicina se torna outro.

Vale ressaltar que a crítica que faço não é sobre a propagação desse saber, e sim sobre a maneira que esta vem sendo feita, uma vez que é evidente que a valorização que refizeram da medicina das plantas nos dias atuais é elaborada dentro da nova lógica

² “Dentro da ação dos medicamentos sempre há algo místico, e no medicamento há algo da personalidade de quem o dá, e no doente que o toma, deve haver sempre certa receptividade sugestiva. Somente assim o remédio terá efeito” (Tradução nossa).

³ O ano original da obra “De la medicina Guaraní” é de 1927, a obra consultada foi publicada em 2008

dicotômica excludente, onde a medicina tradicional perde sua continuidade temporal e atua meramente como uma complementaridade para a medicina convencional. Ou seja, a medicina das plantas é resgatada pela academia de modo a ser representada como secundária, retirada de seu processo histórico. Compreende-se que esse processo é instituído pelo atual período que vivemos: a modernidade, em que o pensamento é evolutivo linear e contribui para tensionamento de pólos opostos, dado que só pode existir o pensamento avançado e desenvolvido se existe o pensamento primitivo e antiquado, e neste caso ocorre um enaltecimento da medicina convencional alicerçada a idéia de mais desenvolvida.

Em *Jamais fomos modernos* (1994), de Bruno Latour, está minha compreensão dessa modernidade como um momento histórico excludente de tudo aquilo que representa o não-moderno, que dialoga também com as ideias já citadas de Descola e Morin criando um diálogo entre os três autores sobre a necessidade ocidental da separação das dimensões “racionais” e “irracionais”. Para Latour, o objetivo da modernização é distinguir nitidamente as leis da natureza (ciências exatas) das convenções da sociedade (ciências sociais), para tal fim ocorre uma universalização da ciência por meio da padronização não só de um pensamento instrumental e de técnicas, mas da própria matéria da sociedade.

Contudo, esse processo de purificação da ciência a partir da racionalidade apresenta-se cada vez mais híbrido, uma vez que, é ilusório acreditar que a ciência não seja constituída dentro de sua própria realidade que engloba consequentemente sua dimensão cultural/social. Defender a tão aclamada pureza da ciência ocidental e considerar que qualquer conhecimento não ocidental e não nascido em laboratório é uma pseudociência ou mito, é dissimular que a mesma, dita objetiva e dura, defendeu e comprovou cientificamente crimes como a escravidão de povos não-brancos, submissão de generos e patologizou diversidades culturais e naturais. Toda e qualquer ciência e conhecimento são atravessados por visões de mundo, cultura e interesse. Logo, presumo “que não existem nem culturas – diferentes ou universais - nem uma natureza universal, e sim, existem apenas naturezas-culturas, as quais constituem a única base possível para comparações” (LATOUR, 1994 apud FEIJÓ, p.38).

Em vista disso, reduzimos nossos horizontes ao manter esse posicionamento linear supressivo, “impossível continuar empregando ferramentas como “natureza”, “cultura”, “sociedade”, “história” etc. para pensar realidades nas quais essas noções não faziam muito sentido” (DESCOLA, 2012, p.5). Afinal, é neste ponto onde prossigo com a

necessidade de antropologizar as pesquisas das plantas percebendo que esta é capaz de reforçar a existência de um paradoxo na modernidade. A antropologia, quando consciente da não abstenção das suas pressuposições culturais, cria uma consciência que é contínua que não se encontra em um lugar de dicotomia, que está em um "não-lugar"⁴ caracterizado por fluidez e hibridação. Dessa maneira, como define Latour (1994), a antropologia propõe uma epistemologia simétrica que permite escapar da cisão entre "sujeito de estudo" e "objeto de estudo", entre "modernidade" e "não-moderno", ela faz parte do "não-lugar" que o híbrido ocupa no interior da modernidade.

Para além de conciliar-se com as áreas do conhecimento essa epistemologia proposta aqui "busca um diálogo [...] entre mundos diversos, como o mundo dos ameríndios e o mundo da ciência moderna" (MAZOTI, 2016, p.70), então é preciso que antropologia desapegue de categorias ocidentalizadas ditas naturais para que seja possível elaborar uma comunicação mais acercada de outra cosmologia, como por exemplo diluir os conceitos de natureza e cultura e "fazer entrar os não humanos no estudo da sociedade" (DESCOLA, 2012, p.501). Em sua resenha sobre a antropologia simétrica de Latour, a autora Patrícia Mazoti afirma:

A palavra cultura é um conceito inventado pelos antropólogos para medir seus próprios problemas. Desta forma, não são as questões dos indígenas que são levadas em consideração. Por exemplo, a pedra não é a cultura, o macaco não é a cultura, mas constituem um delírio para demarcar o que é natureza e o que é a cultura. Essa é uma das características da modernidade, já que separa, classifica, demarca e nomeia (MAZOTI, 2016, p.69).

Em vista disso, quando a antropologia se opõe ao pensamento moderno dicotômico de natureza e cultura, e insere não-humanos como elementos importantes de sua etnografia torna-se possível ver além da materialidade desses. Tendo acesso a dimensões culturais de coisas e seres que não são humanos, porém perpassam e se ligam diretamente ao nosso universo e por isso são capazes de dizer sobre nós.

I.II Antropologia e fronteira como pontos de convergência

No cenário desta pesquisa, é importante enfatizar esse recorte contextual latino-americano que por si só já traz muito presente essa característica híbrida frente a

⁴ A conceituação de um "não-lugar" demonstra justamente o espaço híbrido que a antropologia abarca com um caráter científico não neutro em suas etnografias.

mundial conjuntura capitalista-moderna, para tanto, interpreto através da obra *Borderlands/ La frontera* de Gloria Anzaldúa (1987) essa consideração “entre mundos” que planeio exercer nesta etnografia, que especialmente é feita em uma tríplice fronteira.

A autora inicia sua obra introduzindo uma noção de consciência mestiça partindo do princípio de uma raça mista latino-americana que consiste em um “composto” resultante da combinação de todas as raças, em vista disso ela identifica como semelhante às pessoas que vivem nas fronteiras que tem contato e que são produtos de várias culturas, raças, e etnias, portanto a consciência mestiça se conecta com consciência híbrida fronteira. Dessa forma, a concepção de fronteira conduz a um “entre-lugar” ou como dito antecipadamente a um “não-lugar”, onde ocorre igualmente a transferência de valores culturais que, ao contrário de uma ideia de limite fixo, é um local caracterizado por movimentação de contrariedades. Neste sentido, a consciência fronteira rejeita as definições pretendidas pela cultura hegemônica, exercendo um caráter essencialmente transcultural⁵. Entretanto, a consciência mestiça fronteira necessita aprender como harmonizar dentro de si essa sua composição múltipla, percebendo suas contradições e ambiguidades e incluindo estas em vez de excluir, no seu processo híbrido.

Apenas mantendo-se flexível é que ela consegue estender a psique horizontal e verticalmente. La mestiza tem que se mover constantemente para fora das formações cristalizadas – do hábito; para fora do pensamento convergente, do raciocínio analítico que tende a usar a racionalidade em direção a um objetivo único (um modo ocidental), para um pensamento divergente, caracterizado por um movimento que se afasta de padrões e objetivos estabelecidos, rumo a uma perspectiva mais ampla, que inclui em vez de excluir (ANZALDÚA, 2005, p.706).

A construção da fronteira empreendida explora a produção das contradições em seu interior tanto como a antropologia, e ambas atuam como um elemento de “balança” que busca trilhar um caminho harmonioso entre todas as oposições e incompatibilidades impostas. É em respeito dessa questão que acho que seja necessário para esta etnografia abordar o recorte contextual fronteira, com o propósito de que a antropologia

⁵ Dou preferência ao uso do prefixo “trans” na elaboração dos conceitos transcultural e transdisciplinar para que a leitora ou leitor compreenda que a articulação aqui proposta entre cultural e/ou disciplinar não é realizada a partir de uma cooperação de metodologias próprias e intocáveis, mas sim por meio de um intercâmbio de interações mútuas de seus interiores.

possa se locomover e alternar seu discurso entre os diferentes códigos culturais, consciente de que através da aceitação das adversidades, ela se completa e existe. Trata-se, afinal, do reconhecimento dos entre-lugares e não-lugares como parte do segmento que forma a identidade da medicina das plantas no contexto moderno.

Ponderando isto, pretende-se assumir aqui a medicina das plantas dentro de uma relação híbrida transdisciplinar entre as áreas de saúde, biológicas e humanas, na qual a antropologia é essencial para articular o vínculo continuum entre o conhecimento popular e o conhecimento científico acadêmico, assim como de valores culturais e seus aspectos lógicos, na tentativa de exercer um “pensamento complexo”, como propõe Edgar Morin, que se relacione com as identidades ameríndias da medicina das plantas:

(...) a um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (complexus: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico (MORIN, 1996 apud, SANTOS, HAMMERSCHMIDTL)

Deste jeito, o pensamento complexo é apto para que a medicina das plantas possa se estruturar dentro da ciência como inteira, dispondo de suas feições racionais-lógicas-científicas e míticas-simbólicas-mágicas, observando suas divergências epistêmicas como também suas possíveis compatibilidades. A atribuição da importância de se etnografar as plantas é, portanto, devido à oportunidade de aprender/entender a medicina das plantas dentro de sua complexidade, visto que a antropologia não só permite a hibridização em seus estudos como ela propriamente é controversa. Ademais, é a antropologia que propicia a realidade de saberes fora do ambiente acadêmico, melhor dizendo por artifício dessa entende-se que para difundir um conhecimento tradicional não é preciso que universo acadêmico científico aproprie-se deste, tampouco é imprescindível somatizar um saber com o outro para gerar um produto anômalo, onde notoriamente irá sobressair o saber hegemônico ocidental. Logo, é viável que esses saberes se cruzem nesses não-espacos, criando esses entremeios que valorizam a autonomia e tradições dos portadores e das portadoras desses saberes.

José Maria Tavares (2009) ressalta a relevância dessa transdisciplinaridade com antropologia nas pesquisas das plantas, “É interessante destacar que existe uma MT ao lado de sua filha, a MO, assim como um pensamento simbólico (mítico-mágico) ao lado do pensamento racionalista (...) Entretanto não podemos distinguir uma “Antropologia

pré-científica” ao lado de uma “científica” (TAVARES, 2009, p.254)⁶ isso porque a antropologia surge neste meio comunicativo com os ditos “povos pré-modernos”, e transforma-se quando começa a ser produzida fora dos continentes hegemônicos percebendo o seu “não-lugar” no campo científico moderno. Por fim, observamos até então que muito se pesquisa sobre o assunto da medicina das plantas, todavia em sua maioria não se leva em consideração sua “sinonímia popular”, e conseqüentemente se esquece da tradição e cosmovisão que envolve esse saber. Por isso, recorro por meio do autor que o papel da ciência neste caso é o de “reconhecimento”, uma vez que já existe o conhecimento.

I.III Metodologia

Com a intenção de exercer esse reconhecimento dos saberes e práticas das plantas medicinais, a pesquisa foi feita qualitativamente recorrendo a entrevistas virtuais semiestruturadas. A princípio, quando o projeto de pesquisa foi pensado não estávamos sob a influência da pandemia Sars-Cov 2, portanto tinha como objetivo realizar diversos encontros presenciais por toda a tríplice fronteira, para conhecer e identificar as usufruidoras da medicina das plantas em seus espaços de atuação (ambulantes de ervas, casas de produtos naturais, clínicas fitoterápicas e demais empórios holísticos da região). Contudo, com a chegada da pandemia e o estabelecimento dos novos protocolos sanitários tive a necessidade de redesenhar os métodos etnográficos da pesquisa, e assim, me ajustando ao isolamento social, determinei que as entrevistas seriam remotas on-lines. O contato com ambas as entrevistadas se deu por via de terceiras, que conheciam seus trabalhos medicinais e fizeram a conexão de vínculos.

Na etnografia busquei observar e reconhecer o aspecto cultural presentes nos relatos, experiências e significados dados pelas entrevistadas em suas trajetórias com as plantas. Escolhi fazer nesta etnografia um enfoque de gênero para apontar a proximidade historicamente traçada entre as mulheres e a natureza com a necessidade de se discutir a razão dessa associação. Pensando nisso, me importou também incorporar à pesquisa, reflexões críticas sobre a conceituação de saúde e cuidado, experimentando entender a medicina das plantas como integrativa e autônoma, dentro da pluralidade desse conceito.

⁶ As siglas MT como abreviação usada pelo autor para designar medicina tradicional, e as siglas MO como medicina oficial.

Ademais, me inspirei a criar com esta pesquisa um conteúdo plural e popular para a comunidade de desfrutadores de plantas medicinais, como uma devolutiva imprescindível ao sentimento de pertencimento à essa rede coletiva de saberes tradicionais. Deste sentimento surge o livro guia de plantas medicinais não-convencionais, a ideia é de plantas que não fossem tão habituais e que fossem nativas da região tri fronteiriça, onde ocorreu a pesquisa.

Para a criação deste guia, presenteia-se o conceito de Karina Kuschnir (2016) de elaborar uma “antropologia pelo desenho”, a ideia de desenhar as plantas escolhidas como uma reafirmação da singularidade em minha produção. Considerando também o contexto de abandono que se têm das ilustrações, por conta da ascensão de produção de imagens tecnológicas, o desenho assume um posto de tradicional. Dessa forma, trazer o desenho para dentro da pesquisa transforma a sua produção de narrativas, buscando ter um maior consenso sobre a existência das subjetividades da pesquisadora, como dos interlocutores ou das interlocutoras.

Afinal, substanciando o que foi referido até então este estudo propõe que a existência desse reconhecimento aconteça por meio da compreensão de que os conhecimentos nomeados modernos nunca anularam os conhecimentos tradicionais, e as pessoas a que pertenciam esses conhecimentos continuaram permanentemente a difundir-lo às suas gerações. Por esse motivo, o objetivo principal de se realizar uma pesquisa antropológica da medicina das plantas é para que faça-se perceptível o compromisso de resgate das práticas e saberes alicerçados ao reconhecimento da, já existente, autossuficiência dessa medicina ancestral.

Posto isso, até o final desta pesquisa pretendo reconhecer a medicina das plantas por “Medicina viva”, já que por não ser um processo sintetizado, e que apesar de poder ser utilizado além do modo in-natura como por meio de extrações, o organismo se mantém vivo em seus desmembramentos, tal como historicamente ela se manteve viva dentro de suas transmutações.

II. Dos caules: História antropológica das plantas na tríplice fronteira

A pesquisa pretende etnografar estes processos da medicina das plantas na comunidade fronteiriça do Rio Paraná que é contemplada pelos países Argentina, Brasil, Paraguai, fazendo parte da fronteira respectivamente as cidades Puerto Iguazú, Foz do Iguaçu e Ciudad del Este. Além de ser uma fronteira muito conhecida por seu grande movimento étnico e econômico, é também um local marcado por sua biodiversidade e pela exploração dessa mesma.

De modo geral, a história convencional retrata a região como um território que viria a ser devastado pela exploração fazendeira de erva-mate e madeira, o que é sempre repassado para justificar até hoje a vantagem e necessidade das reservas ambientais e os pactos internacionais entre esses países. Todavia, as explorações que aconteceram durante o século XIX foram incitadas pelos próprios estados nações como meio de garantir suas posses além disso, estas disputas territoriais entre nações foram precedidas por disputas territoriais colonialistas, ou seja, entre os habitantes locais indígenas e um grupo com poderio militar representantes de alguma “nação” ao qual aquele território não pertencia.

No período contemporâneo pouco se recorda sobre essas identidades indígenas que ainda habitam a tríplice fronteira, encontra-se sobretudo nas histórias contextuais uma identidade Guaraní, porém essa é constantemente caracterizada numa linha temporal passada que não adentra uma continuidade presente dessa população atualmente. Inclusive quando é recordada é trazida dentro de contos fantasiosos e genéricos para um discurso turístico que seja simbolicamente vendido.

Percebe-se que a principal narrativa a ser reproduzida nas mídias e histórias da tríplice fronteira está dentro dessa linguagem romântica de confraternidade que retrata uma terra carismática, um refúgio de “todos os povos”, lugar onde estes se encontram ali unidos e sem desigualdades. Uma fronteira que além de ter a presença de três nações contém uma importante população árabe e chinesa, e claro uma grande população “flutuante” gringa que vem para movimentar o intenso entretenimento turístico que é a tríplice fronteira Argentina Brasil Paraguai. Entretanto, observa-se que eventualmente dentro dessa diversidade cultural há distintas dimensões nas relações sociais, isto significa que nessa expressiva hibridização social ocorre muitos sistemas de sobreposições culturais, há culturas evidenciadas e valorizadas, e culturas inibidas e

reservadas, também aquelas que subsistem dentro de toda essa mescla étnica. Por isso as identidades fronteiriças condizem com a proposta de pluralização epistemológica, pois são plenamente excêntricas e mesmo a cultura mais hegemônica se encontra minimamente questionada nesse “entre mundos”.

Ressalto aqui a importância de alterar esse discurso harmonioso fronteiriço, uma vez que é preciso levar em consideração que para algumas culturas estar nesse “entre mundos” é poder ter sua identidade apagada e ser absorvida, e que além do imaginário de uma delimitação geográfica, estar na fronteira é também sobre ser a fronteira sujeitando-se a ideia de viver constantemente sobre adaptações e transformações junto a um sentimento de não pertencimento. Em vista disso, me interessa delinear esse contexto local como dilemático, e a pluralização de conhecimentos e a transculturalidade que ocorrem neste como processos não românticos e equilibrados, mas sim como processos de sobrevivência. Dessa forma, tendo em mente que o conhecimento medicinal das plantas é marcado semelhantemente por essas transformações socializantes, abordaremos daqui em diante a história local que trate das relações humanas com essa terra (essencialmente com as plantas) antes das relações coloniais, como também das relações humanas com a fronteira em si.

II.1 Patrimônio Guarani

Como já foi apontado, a medicina contemporânea convencional latino-americana, sobretudo na sul-américa, foi fundamentada nos conhecimentos e saberes conservados pelos médicos e médicas indígenas (técnicas que por vezes são nomeadas/auto reconhecidas como curandeiras) integrados em um largo estudo da flora e fauna local e depois das plantas estrangeiras introduzidas. À medida em que surgiram os estudos de etnofarmacologia essas informações de distintos grupos étnicos passaram a se entrecruzar e se dissipar, este processo decorreu a chegada dos medicamentos sintéticos manipulados, “isso significa que praticamente com exceção do século XX, toda a história da cura encontra-se intimamente ligada às plantas medicinais e aos recursos minerais” (ZÉLIA, 2011 p.267). Isto já ponderando o fato que pouco tivemos e temos acesso realmente a extensão das práticas e conhecimentos realizados pelas populações indígenas, digo quando comparado com a proporção de espécies proveitosas locais, bem como com a percepção de que os e as protagonistas desses saberes dispõe da intenção

de preservar seu poder particular de cura e serem meticolosos ao repassarem esse que também está carregado de saberes ancestrais (BERTONI, 2008)

Na região da tríplice fronteira Argentina Brasil Paraguai, se encontram especificamente muitos relatos arqueológicos e estudos antropológicos sobre a presença e medicina Guarani, a grande procedência acadêmica de estudos médicos Guarani dessa região são do naturalista Moisés Bertoni (1927). Inclusive, por conta de sua notável influência, existe a possibilidade de visitar sua casa, que tornou-se um museu após seu falecimento, e conhecer sobre sua história e pesquisa em um pacote turístico que a fronteira oferece. O pesquisador demonstra em suas vivências que as experiências Guarani de cura são simétricas, nelas se juntam os conceitos de natureza e cultura e assim as ações medicinais são pensadas num todo coletivo e não apenas em onde se encontra a enfermidade, ou seja, a cura física busca junto consigo a cura do pretexto dessa enfermidade seja essa mental ou espiritual.

Todavia, em seus escritos Bertoni se preocupa em deixar evidente a separação existente das práticas medicinais e das práticas ditas xamânicas, no sentido em que existe uma forte concepção de relacionar práticas médicas indígenas com plantas diretamente com “xamanismo”, sendo que são práticas com propósitos distintos e por vez de povos distintos. O xamanismo⁷ é um termo genérico implementado e incorporado para designar práticas com uso de plantas psicoativas, geralmente identificado nos conhecimentos e técnicas dos povos das florestas amazônicas. Sem dúvida a intenção ao retratar isso aqui não é a de reforçar a compreensão pregada pela civilização ocidental (até mesmo do próprio autor ao chamar o xamanismo asiático de “fase atrasada y grosera”⁸) de que conhecimentos não podem conter aspectos religiosos/simbólicos/mágicos, e sim de desmascarar essa imagem generalizada que temos das civilizações indígenas como pertencentes de uma cultura única e sempre querendo-as colocar em locais de falta de racionalidade.

Para os Guarani os métodos de cura não têm influências de astros como as fases da lua e tampouco precisam ser feitos em dias específicos como muito se imagina, os medicamentos preparados também não assumem papéis milagrosos de cura como é reproduzido em muitas lendas sobre esses conhecimentos, os rituais medicinais se

⁷ Termo originário do Shamanismo asiático onde os “remédios” assumem caráter divino (BERTONI, 2008, p.46)

⁸ “Fase atrasada e grosseira” (BERTONI, 2008, p.46, tradução nossa)

baseiam no acolhimento recíproco do enfermo em relação a própria medicina e seu curandeiro ou curandeira:

[...] para los guaraníes, ningún remedio es por sí solo milagroso, ni de una eficacia absoluta, si no va envuelto en cierta sugestión del médico, y no lo acoge favorablemente cierta sugestión del paciente. El mismo enfermo quiere ser sugestionado. Estimaré menos al médico que se limite a entregarle fríamente un remedio, y esa menor estimación no le ha de ser de provecho⁹ (BERTONI, 2008, p. 46-47).

Vivencia-se momentos em que uma determinada planta passa por uma ritualização com objetivo de uma cura espiritual, como o tabaco, que habitualmente é usado como um elemento mágico de cura e transformação espiritual. No entanto, a maior parte dos processos de cuidado e cura Guarani não se concentram em um princípio mágico e muito menos se ritualiza qualquer planta.

Ademais, a medicina guarani está diretamente ligada com a higiene tanto pessoal quanto coletiva e uma base alimentar nutritiva majoritariamente a base de plantas que em muitas vezes não apenas a carne era/é dada como impulsor de tal enfermidade, como se faz o pedido médico da suspensão desta na alimentação em muitos casos (BERTONI, 2008). Outro elemento interessante para a medicina Guarani é o calor que vem tanto dos raios solares quanto do fogo, muitas das práticas de cura são feitas a partir desse, como por exemplo a ingestão de líquidos quentes, banhos evaporadores, “fornos” de suor, integrando também as defumações com tabaco. Sobretudo, todo o envolvimento da ampla perspectiva Guarani sobre cultura e natureza é determinante nesse processo, uma vez que diferentemente da percepção ocidental dualista de natureza como uma exterioridade, a natureza é ressaltada pelos Guarani por sua vez como uma variedade extensora da própria vida humana sem a possibilidade de uma diferenciação da cultura e natureza, pois estão em um ciclo de interdependência vital.

Apesar do saber medicinal das plantas ser muito mais popularizado do que o nosso saber médico alopático, não significa que todos são capacitados de portar e exercer esse conhecimento de um médico/curandeiro ou médica/curandeira, Bertoni em suas pesquisas observa como os pesquisadores não-indígenas buscam entender sobre esses

⁹ “Para os Guarani, nenhum remédio é por si só milagroso, ou de eficácia absoluta, se não está envolvido em determinada sugestão do médico, e não é acolhido favoravelmente por certa sugestão do paciente. O próprio paciente deseja ser sugerido. Ele terá menos estima pelo médico que se limita a friamente dar-lhe um remédio, e essa baixa estima não terá nenhum benefício para ele.” (BERTONI, 2008, p. 46-47, tradução nossa)

conhecimentos com qualquer pessoa indígena que o apareça e não com um verdadeiro médico ou médica indígena (BERTONI, 2008), atitude que de modo algum não seria repreendida ao se chegar em uma sociedade ocidental e perguntar sobre os conceitos da medicina convencional para um não-profissional. Fora que, a essencialidade da sugestão recíproca entre o médico ou a médica, o ou a paciente e a medicina faz com que isso seja ainda mais relevante na sociedade Guarani, porque não é sobre olhar um certificado de estudo, mas sim toda uma vivência e relação desse curandeiro ou curandeira com a medicina e seus pacientes.

Nas cidades, compreendemos qualquer medicina que não seja a alopática como complementar a esta, isto faz com que corramos o risco de usufruir indevidamente e até perigosamente dessas. Quando trabalhamos com a ideia de que as plantas medicinais não trazem reações nocivas ou não-intencionais, estamos minimizando a efetividade dessas, como também nos sujeitando a complicações nas misturas de princípios ativos, tanto ao misturar plantas com plantas, quanto alopáticos com plantas. A medicina guarani é bem reconhecida por sua ampla nomenclatura, os e as curandeiras conhecem as plantas por suas famílias separando-as em grupos e todas com nomes fixos para possa ser feito o reconhecimento de propriedades semelhantes e combinações (como é feito pelos estudos botânicos) além da categorização de gênero. Notabilizando o fato de que esses saberes sempre foram transmitidos oralmente de curandeiro para curandeiro ou curandeira para curandeira, sempre permanecendo todos os detalhes e as minuciosas observações.

Em proporção ao território os Guarani se identificam por uma forma de ocupação dinâmica com mobilidade unidirecional se movimentando entre as terras intituladas como tekoha¹⁰ onde podem sempre retornar (ALCÂNTRA, OMOTO, ARAUJO, RAMOS, 2019), presentemente essa mobilidade circular foi afetada tanto pelo limite físico de posse de áreas quanto pelas imposições culturais. Essa característica territorial Guarani é hoje usada “contra” seu próprio povo, pois os Estados Nações assumem que essa população não precisa de um território demarcado em um discriminativo artifício de desaparecer com qualquer identidade “não-nacional”¹¹ que permeia fora da massa homogênea “sedentária”. Juntamente nesse encadeamento de restrição e remoção de terra decorre-se a aculturação dessas civilizações Guarani, que são impedidas de agir equivalente a seus

¹⁰ Termo guarani usado para designar: “lugar onde podem viver novamente conforme o modo próprio de ser e estar no mundo dos Guarani” (ESMPU, 2019, p.18).

¹¹ Apesar de haver pessoas e povos indígenas que se identificam com alguma nacionalidade-estado, coloco a ideia de “não nacional” para compreender essa estratégia convencionalista dos Estados Nações

costumes que estão intrinsecamente ligados ao espaço territorial, trazendo como consequência o desinteresse de gerações futuras de permanecer em espaços e comportamentos tão restringidos.

A antropóloga Linda Gonzales realizou em 2018 uma etnografia que descreve sobre a relação Guarani com o turismo fronteiriço, nesta mesma pesquisa ela relata sobre a “chegada” da fronteira nação para os Avá e Mbyá Guarani habitantes da tríplice fronteira, a qual utilizo de base em companhia do livro relatório “Avá-Guarani Construção da Itaipu” escrito em 2019 por um grupo de membros do Ministério Público Federal para contextualizar uma história de um ponto de vista não-colonial sobre essa região fronteiriça e suas relações humanas.

Sucintamente desde o período colonial instaura-se uma tensão entre, no que viria a ser denominado, identidades étnicas e identidades nacionais, assim as terras que habitavam os Guarani se tornaram locais de disputa para essas identidades “nacionais” que invadiram o continente sul-americano. As diversas “maneiras” de impor uma soberania nacional foram sendo aplicadas, desde as missões de catequização, as instituições de encomiendas como também a criação de milícias indígenas introduzindo armamentos no intuito de guerrear contra outras identidades nacionais e étnicas (GONZÁLEZ, 2018, p.78).

Após a Guerra da Tríplice-Aliança¹² (1864-1870) tornou-se cada vez mais visível a desconsideração com as populações indígenas locais, já conduzindo a uma mentalidade nacional de “ausência” de outras identidades. Esse período foi integralmente marcado pela exploração da erva mate (conhecida por meio dos próprios Guarani) e depois da madeira, “essa se tornaria uma das responsáveis pela ampliação do processo de colonização e povoamento não indígena no oeste do Paraná” (ALCÂNTRA, OMOTO, ARAUJO, RAMOS, 2019, p.39), dando existência a várias posses de terras ilegais sob a remoção violenta de muitas famílias indígenas que posteriormente muitas viriam buscar retornar ao “tekoha”. A maioria que permaneceu estava trabalhando nas produções de mate e recebiam reservas indígenas por meio de ações de política indigenista criada para proteger onde a força de trabalho da extração de mate estava concentrada.

Nesse momento já havia se instaurado as hegemonias nacionais, as fronteiras físicas e culturais haviam chegado para os Guarani, logo o rio Paraná que um dia foi acesso se restabeleceu como margem divisora e em plena ditadura militar se iniciava a

¹² Um dos maiores conflitos armados entre países latinos, a Guerra da Tríplice Aliança é conhecida no Brasil como Guerra do Paraguai. Já no Paraguai leva-se o nome de Guerra Grande ou Guerra de la Triple Alianza.

disputa pelas sete quedas. Para as “novas” identidades (nacionais) o bioma e biodiversidade da fronteira sempre foi visto como motivo de conflito e de “importância” quantitativa de lucro, pouco se importaram em conhecer a terra, o solo, a medicina desse, a comida desse, e as entidades desse. Mesmo assim, na construção de uma usina hidrelétrica (o maior projeto do mundo na época) procedeu-se o argumento da “necessidade” de proteger essa terra, que seria destruída pelos grileiros, madeireiros... em outras palavras proteger das próprias identidades nacionais invasoras, a existência indígena sequer foi considerada. Dessa maneira, no alagamento para o surgimento da ITAIPU¹³ BINACIONAL cerca de 32 aldeias desapareceram.

As que permaneceram no oeste do Paraná ficaram nas poucas áreas remanescentes. No caso das famílias da parcialidade do Ocoy-Jacutinga, elas ficaram concentradas no Município de Foz do Iguaçu, em aldeias/tapyi situadas dentro do hoje parque nacional, na Colônia Guarani, na antiga aldeia do Ocoy e, ainda, na cidade de Santa Helena, no Dois Irmãos. No caso das famílias da unidade Guavirá, as que permaneceram nos municípios de Guaíra e Terra Roxa ficaram nos tekoha Porã, Karumbey e Marangatu (que eram uma única área) e nas barrancas do rio Paraná, mais especificamente nas proximidades da linha férrea, e nas margens de seus afluentes (ALCÂNTRA, OMOTO, ARAUJO, RAMOS, 2019, p. 41-42).

Nesse contexto, a ITAIPU também surge como um pretexto para estreitar os laços entre Brasil e Paraguai dando-se “solução” para um passado perturbado entre essas nações. Os colonos e fazendeiros não foram despejados literalmente de “suas” terras, ganharam outros terrenos bem próximos a realocações indígenas como mais um artifício de liquidação das civilizações Guarani pelo Estado Nação. As poucas demarcações de terras indígenas existentes são frutos de muita luta e resistência que persiste em toda trajetória histórica Guarani, e agora junto com o bioma a cultura Guarani também se transfigura, o fato de muitos costumes serem proibidos desde pesca, caça, até a colheita de plantas e ervas, por serem consideradas atitudes de “ameaça ao meio ambiente” (GONZÁLEZ, 2018, p.88), faz com que as sociedades indígenas da região se reinventem, mas não com que sejam menos indígenas. Se a relação cultural é intrínseca à relação com a natureza podemos perceber que grande parte da transculturalidade e os direitos coletivos desses não são reconhecidos na fronteira como enunciados em discursos harmoniosos de plena multiculturalidade.

¹³ O próprio nome escolhido para a usina vem de origem Tupi-Guarani, onde uma possível tradução seria “pedra que canta”.

Desse modo, na tríplice fronteira Argentina, Brasil, Paraguai a natureza nativa vale-se como mercadoria e entretenimento, os espaços de conservação dessas são majoritariamente visitáveis e de modo consequente, a cultura Guaraní que se localiza justamente nesses espaços se adapta também ao turismo, seja por meio da venda de artesanatos, fornecendo visitas e passeios em suas aldeias, assim como vendendo ervas e distribuindo conhecimentos em bancas de tereré/mate no Paraguai. Inteirando neste ponto que existe muitas propostas de um turismo consciente com intenções de educação ambiental, e que tampouco as culturas “não-nacionais” não são integralmente “vítimas passivas da atividade turística (...) estes grupos são pensados como agentes ativos que se apropriam de códigos do mundo ocidental como o turismo e os reinventam” (GONZALEZ, 2018, p.16). Pensando também nas identidades orientais e identidades de outras nações ocidentais que habitam a região e usufruem do turismo e outros artifícios para disseminar ou apenas manter sua cultura e presença na tríplice fronteira, seja a partir de vendas de comidas típicas, oferecendo visitas em templos e mesquitas, etc.

II.II Memória protegida

Com esse breve conjunto histórico espero transparecer o que vejo e experiencio das construções de identidades nacionais fronteiriças e não nacionais, no sentido que se aparenta ser tudo completamente assimilado em uma grande multiculturalidade genérica, e que, no entanto independente de um discurso hegemônico essas culturas/identidades estão completamente vividas e vivendo nesse “entre-lugares” por meio da transculturalidade. Assim dizendo, o que realmente seria “ser a fronteira” não é nada mais que uma alternativa de existência e sobrevivência em condições universalizantes que tentam incansavelmente comprimir e liquidar as dissimilaridades a favor do desenvolvimento moderno-científico. Disponho aqui além da ideia de fronteira como um limite (até certa lógica imaginária), fronteira como uma brecha de conexão entre “o que é negado” e “seu negador”, exemplificando: a medicina das plantas que não surgiu em laboratórios que é inferiorizada pelo sistema de saúde convencional e tratada como dispensável da modernidade, porém que então habita esse “não-lugar” ou esse “entre-lugar” na modernidade por meio de grupos que também estão nessa fendas culturais.

Um aspecto importante que colabora para as mudanças preponderantes não acarretem o desaparecimento de tais saberes e conhecimentos é trabalhado pelos autores Víctor Toledo e Narciso Barrera expresso no conceito, que leva o mesmo nome

da obra, *Memória Biocultural* (2019). Ambos definem este como responsável pelo florescimento¹⁴ humano baseado no que seria simbolicamente uma consciência de espécie. A capacidade de reconhecer a interdependência dos vínculos sociais e sobretudo naturais com a humanidade estabelece o alcance da característica essencial para esse florescimento: a diversidade (TOLEDO, BARRERA, 2019). Na contemporaneidade essa capacidade de memória biocultural descaminha frente ao imediatismo crescente numa disputa incessante contra o tempo, na qual os acontecimentos do “agora” não possuem mais conexão com o que já se passou ou o que virá se passar:

(...) uma racionalidade econômica baseada na acumulação, centralização e concentração de riquezas, a era moderna (consumista, industrial e tecnocrática) tornou-se uma época prisioneira do presente, dominada pela amnésia, pela incapacidade de se lembrar tanto dos processos históricos imediatos quanto daqueles de médio e longo prazo (TOLEDO, BARRERA, 2019, p.28)

No capítulo anterior trabalhamos com a ideia que a ideologia moderna é composta nos princípios da pureza científica ocidental que ocasiona a crença de uma autodependência diante da desqualificação das diferentes propostas de ciências e conhecimentos, dessa maneira a ideologia desenvolvimentista moderna se fecha para o próprio decurso de florescimento que é baseado na diversificação, “Do ponto de vista termodinâmico a ordem, que é a complexidade que existe no universo, aumenta proporcionalmente a diversidade, um princípio expresso na chamada *teoria da informação*”(TOLEDO, BARRERA, 2019, p.29).

Entretanto nas mencionadas fendas culturais ou nos “entre-lugares” temos os grupos que continuaram em contraposição a esse movimento moderno e desempenhando a memória biocultural, são práticas e grupos que reconhecemos como tradicionais; Neste conceito gostaria de fazer um adendo, pois usufruo do termo tradicional para referenciar essas práticas justamente pela origem e sustento de uma tradição/memória baseada em valores populares e mantido culturalmente e não hegemonicamente, faço essa retratação previamente para que não seja considerado ou lido aqui como “passado” ou estagnado no tempo, apenas paralelo a cultura moderna.

¹⁴ Conceituação que emprego em paralelo ao termo “desenvolvimento humano” em tentativa de escapar de reproduzir uma perspectiva ao leitor ou leitora de evolução linear da sociedade. Florescimento é um termo usado para descrever a situação de maturação de uma planta, no qual plantas distintas passam por esse mesmo processo que é cíclico em uma corrente alternada como transformação da vida.

Posto isso, em movimentos de contraposição temos as sociedades rurais tradicionais e as sociedades indígenas que operam na manutenção da diversidade e continuam explorando a heterogeneidade e a conservação dos recursos naturais locais, alicerçado ao “(..) conceito de conservação simbiótica no qual a diversidade biológica e a cultural são reciprocamente dependentes e geograficamente conterrâneas”(TOLEDO, BARRERA, 2019, p.71). Em função disso os povos indígenas e povos rurais não somente baseiam seus saberes na classificação e características dos recursos (plantas, animais, etc) como também de todo o envolvimento incluindo o solo, água, as chuvas, os ventos, etc (TOLEDO, BARRERA, 2019) percebendo todos esses aspectos como agentes ativos na sobrevivência e reprodução desse conhecimento.

Ademais é indispensável dar importância ao fato de que muito da propagação e resguardo desses saberes e vivências tradicionais é sustentado pelas mulheres, que são responsabilizadas pelo trabalho do cuidado desde os primórdios da humanidade e por conta disso estiveram perpetuamente mais próximas à natureza pelo processo de domesticação das plantas para o uso medicinal e alimentício dessas. As autoras María Eugenia Flores, Ana Gretel Echazú Böschemeier, Lucrecia Raquel Greco destacam no livro *Genero y Religiosidades* (como essa relação das mulheres com a natureza revela-se como uma “puente intergeneracional y también interespecífico (entre especies), colocando mundos diversos y agencias específicas en diálogo¹⁵”(FLORES, BOSCHEMEIER, GRECO, 2019, p.99). Já que estas situam-se nas atribuições de cuidado tanto das plantas quanto humanas e, portanto, contemplam esse elo mutuamente percebendo não exclusivamente a humanidade como sujeita influente, mas também a natureza. Em vista disso, as autoras expressam-se mediante o conceito de *plantas compañeras y especies compañeras*¹⁶ para elucidar esta ação recíproca entre as espécies e plantas, nisto não embasado unicamente na importância feminina, como também das sociedades tradicionais num todo. A noção de companheirismo é fundamentada nas práticas cooperativas que permitem a descentração da cultura humana como autossuficiente e ampliam o diálogo de conhecimentos tradicionais:

El abordaje de las ontologías plurales coloca a las plantas en el contexto más amplio de todo lo que respira y se transforma, incluyendo la propia tierra. De esta manera, la propuesta no se centra en “las plantas en sí”,

¹⁵ “Ponte intergeracional e também interespecífica (entre espécies), colocando diversos mundos e agências específicas em diálogo” (FLORES, BOSCHEMEIER, GRECO, 2019, p.99, tradução nossa).

¹⁶ “Plantas companheiras e espécies companheiras (FLORES, BOSCHEMEIER, GRECO, 2019, tradução nossa).

sino que las asume como entidades dinámicas, en permanente transformación y conectadas con una multiplicidad de dimensiones del mundo vivo: lo que para una visión eurocentrada y capitalista se entiende como una red de relaciones verticales y jerarquizadas -dividida en especies, taxonomías y posiciones fijas-, la mirada desde las ontologías plurales reconoce la existencia de un mundo múltiple donde una relación transversal conecta todas las formas de vida¹⁷ (FLORES, BOSCHMEIER, GRECO, 2019, p.96).

Assim dizendo, a descentralidade da humanidade como a única responsável por sua cultura abre espaço para o reconhecimento desses outros vínculos não-humanos que são participantes ativos da nossa sociedade.

Todavia, para as mulheres cultivar os conhecimentos tradicionais é assentar o florescimento da humanidade, pois os trabalhos de zelos frequentemente vinculados ao gênero feminino não são ações compulsórias orgânicas inertes as mulheres e instintivas pautadas meramente em carinho e amor, são ofícios indispensáveis para qualquer tipo de reprodução e manutenção social.

As mulheres estarem majoritariamente nesse contexto ocorrem por distintas limiares, no entanto foco em não generalizar as sociedades dentro do parâmetro ocidental de “papéis atribuídos a gênero”, pelo motivo de que estas também são agentes ativas de suas práticas e saberes. Logo, as práticas de cooperação com a natureza representam para diferentes mulheres recursos de autonomia e expansão da própria vida e as influências desses conhecimentos ampliam a relação das mulheres com os vários mundos aos quais ela pode pertencer.

Sendo assim, as concepções de uma memória biocultural e de uma relação mútua entre espécies e plantas são sustentadas principalmente de forma oral e tradicional por milhares de pessoas (diria que hoje em dia, em contextos não “tradicionais”, sobretudo por mulheres) que vivenciam outra relação com a natureza e cultura, mesmo que essa seja plenamente excêntrica do padrão moderno ocidental.

Na tríplice fronteira Argentina, Brasil, Paraguai é possível observar que além dos espaços rurais/florestais esses saberes e práticas alcançam e perpetuam nos âmbitos urbanos, além de que a região em si tem muitos espaços de “transição” que não se

¹⁷ “A abordagem das ontologias plurais coloca as plantas em um contexto mais amplo de tudo que respira e se transforma, incluindo a própria terra. Desta maneira, a proposta não se centra nas “plantas em si”, mas as assume como entidades dinâmicas, em permanente transformação e ligadas a uma multiplicidade de dimensões do mundo vivo: o que para uma visão eurocêntrica e capitalista se entende por uma rede de relações verticais e hierárquicas -divididas em espécies, taxonomias e posições fixas-, a visão das ontologias plurais reconhece a existência de um mundo múltiplo onde uma relação transversal conecta todas as formas de vida” (FLORES, BOSCHMEIER, GRECO, 2019, p.96, tradução nossa).

encaixam nem muito nos parâmetros rurais e tampouco nos parâmetros urbanos e são nitidamente caracterizados pela presença de cultivadores dessas concepções.

Reconheço por cultivadores múltiplas identidades que estão realizando distintas atitudes/trabalhos essencialmente com a terra e com outros animais, seja: vendendo ervas medicinais em bancadas pelas cidades, atuando em mutirões para cultivar hortas e ervas coletivas em terrenos parados ou ameaçados, usufruindo do largo espaço dos quintais para produzir alimentos orgânicos, trabalhando com a agricultura familiar, movimentando resgates a animais, habitando a terra de maneira não cumulativa e respeitando-a como uma entidade vida, etc. Contudo neste trabalho concentramos no reconhecimento da medicina das plantas e em seus e suas praticantes que preservam e são preservados por essa consciência biocultural e companheira.

Refletindo sobre o percurso histórico tri fronteiriço desse conhecimento ancestral é perceptível que existe uma profunda diferença neste saber quando popularizado e semeado para as populações “nacionais ocidentais”, e quando cultivado pelas populações “não-nacionais”, no sentido de que muito desse conhecimento atualmente se limita às plantas introduzidas ao nosso continente do que das próprias plantas nativas.

Essa crítica não é somente feita às plantas medicinais, mas também às próprias plantas que escolhemos nos alimentar, já que dentro do processo de colonização foram selecionadas e convencionadas para nossa cultura, sobretudo, plantas não nativas que fossem mais rentáveis e convenientes para o mercado multinacional. Portanto, além de caracterizarmos a medicina das plantas como subalterna à medicina convencional, submetemos junto nossos biomas e diversidades como selvagens e exóticas perante a esse convencional importado e persistimos no caminho do “esquecimento” trazido pelo desenvolvimentismo moderno ocidental ao aceitarmos ignorar os estudos interligados as sinónimias populares.

Por consequência dentro dessa visão acomodada nos distanciamos da ideia de que “toda planta debe tener propiedades curativas¹⁸” (BERTONI, 2008, p.171), pensamento que serve de estímulo para as populações Guarani a conhecer tantas plantas e propriedades médicas e que continua enraizado na transmissão desses saberes entre as sociedades Guarani. Em suma, é necessário levar em consideração que todo tipo de transmissão de saberes exige estudos, independentemente de ser empírico ou não, a consciência a respeito disso revela o apreço por essa medicina viva e sujeita histórica

¹⁸ “Toda planta deve ter propriedades de cura” (BERTONI, 2008, p.171, tradução nossa).

autônoma, preservando-a além do cômodo proposto pela própria ciência atual. “Las plantas se constituyen en sujeto desde el momento en que poseen una existencia propia y autónoma¹⁹” (FLORES, BOSCHEMEIER, GRECO, 2019, p.95) assim pensamos estas como interlocutoras com quem podemos sempre aprender.

¹⁹“As plantas constituem-se em sujeitas desde o momento que possuem uma existência própria e autônoma”.

III. Das flores: Autoras da própria saúde

Aprofundando a compreensão das plantas como sujeitas ativas de sua própria existência, a pesquisa etnográfica desenvolvida aqui buscou observar com as integrantes escolhidas os trajetos das plantas em suas vidas. A recolha etnográfica foi feita a partir de diálogos com duas mulheres conhecidas da região fronteira por suas práticas e saberes de cura. A minha escolha de contatá-las parte de um princípio histórico político já mencionado: da conexão estabelecida entre mulheres e natureza²⁰. Afirmo que minha identificação com o assunto não se atribui a uma representação essencialista, mas em minha leitura ocidentalizada existe uma aproximação particular na união dessas por serem submetidas a tratamentos semelhantes perante a sociedade.

A caracterização que é atribuída a “natureza” e a “mulher” são de recursos e domínios que convergem como substancial inato a existência de ambas, então as múltiplas faces e elementos da natureza seriam um presente genuíno à humanidade assim como a maternidade (reprodução), os trabalhos de cuidado e os trabalhos domésticos seriam naturais ao “gênero feminino” e até considerados como dádivas. O entendimento dessa realidade levou a distintas correntes de pensamentos críticos conflitantes, há a concepção de que as mulheres não deveriam mais ser associadas à natureza como também há a concepção de que apenas as mulheres seriam capazes e completamente aptas a “cuidar” da natureza.

Ademais, deve-se considerar outras interseccionalidades que permeiam esse cenário, comunidades tradicionais que têm contato direto com a natureza e estão tão imersas nessa conjuntura quanto uma generalização fragmentada de gênero. A perspectiva que busco trazer com esse assunto é política e tem a intenção de ressaltar a cooperação da humanidade com a natureza, mas também de perceber quem está mais vulnerável e exposto a essa troca. Por isso, para mim, é fundamental aliar essa perspectiva à etnografia, compreendendo as plantas e mulheres como sujeitas ativas “que establecen diálogos, alianzas y diversas formas de cooperación mutua, sin dejar de lado la existencia de posibles conflictos²¹” (FLORES, BOSCHEMEIER, GRECO, 2019, p.99).

Falar sobre as plantas não é exatamente novidade que busco fazer neste trabalho, outras pesquisadoras e pesquisadores já o fizeram. O antropólogo, já referenciado, José

²⁰ Natureza como produto das interações biodiversas entre animais, minerais, bactérias, rios, sol, plantas, etc.

²¹ “que estabelecem diálogos, alianças e diversas formas de cooperação mútua, sem deixar de lado a existência de possíveis conflitos” (FLORES, BOSCHEMEIER, GRECO, 2019, p.99, tradução nossa)

Maria Tavares compila em seu artigo, “Antropologia do mundo das plantas medicinais” (2009), uma importante revisão bibliográfica sobre o assunto, e aborda como a antropologia atua como uma dobradiça que articula o conhecimento popular e o conhecimento científico. A proposta do autor é que uma abordagem interdisciplinar seria um meio de fomentar um diálogo integral sobre as plantas, acolhendo na pesquisa não apenas o conhecimento popular, mas outros métodos disciplinares como a etnobotânica.

Muito se produz sobre a relação humano-planta, destaco ainda os seguintes trabalhos: “Ervas que curam. Da ‘Terra das Ervanárias’ à produção de plantas medicinais e de conhecimento.” de Elsa Mateus (2014) que elabora uma etnografia sobre a articulação do conhecimento tradicional de plantas medicinais com o mercado de saúde, a antropóloga busca frisar a discussão sobre propriedade intelectual e proteção da biodiversidade; “Transdisciplinariedade e plantas medicinais no empoderamento de mulheres em busca de sustentabilidade no sul do Brasil e norte da Espanha: experiências de resgate de conhecimentos” de Fatima Chechetto (2013), onde a autora apresenta historicamente as mulheres como detentoras das práticas e saberes de cura, e como a retomada desses saberes caminha para a promoção de um desenvolvimento sustentável; “‘Sexta-Feira Santa foi feito o dia de colher erva!’ Apontamentos sobre as religiosidades nos itinerários da Marcela em Guarani das Missões-RS” de Carlos Steil e Juliano Almeida (2015) que trazem dentro de uma densa descrição etnográfica a trajetória da planta macela, observando-a como um ponto em comum de muitas identidades e crenças; E “Plantas medicinais utilizadas na região oeste do Paraná” de Bettina Ruppelt, Carina Kozera, Patrícia Zonetti, Roberta Paulert, Suzana Stefanello (2015), um livro elaborado dentro de um olhar biológico e farmacêutico, onde as autoras constroem um coletânea com as plantas tipicamente usadas na região oeste do Paraná, trazendo informações botânicas junto a orientações sobre os usos medicinais dessas.

E se as plantas não são a novidade, o que eu gostaria de destacar nesta pesquisa é esse engajamento afetivo que se desdobra em abordagens entre humanos e não-humanos. E mais do que dizer *sobre* as plantas, busco falar *com* as plantas, partindo do princípio que estamos todas interligadas no mesmo emaranhado biodiverso. O local em que parte esta pesquisa também acrescenta ao objetivo transcultural e transdisciplinar que procuro propor, colocando a fronteira como um ponto de convergência entre muitas contradições, e fazendo de mim e da minha pesquisa um elemento de “balança” (ANZALDÚA, 2005) ou “dobradiça” (ANDRADE, 2009), entre os conhecimentos ancestrais tradicionais e os conhecimentos científicos acadêmicos. Desta maneira, trago

mediante trocas etnográficas diferentes itinerários de cuidado e busca por saúde com plantas, em profundas partilhas sobre a vida e a ancestralidade.

III.I Sandra

Falaremos sobre os caminhos de Sandra com as plantas e das plantas com a Sandra, caminhos que sempre estiveram entrelaçados já que desde pequena as plantas estão presentes para Sandra até em seu processo de escolarização. Sandra cresceu num município agrícola muito afastado da cidade, então quando pequena praticava sua leitura com o que tinha à disposição em sua casa, como produtos comprados na cidade, uma bíblia e um livro de plantas medicinais. Juntamente ao livro Sandra também tinha sua mãe como guia, já que está sempre exerceu seus saberes e práticas com as plantas para sua família e comunidade, fazia desde chás até pomadas, licores, tintura e garrafadas. Neste contexto de sua infância ela recorda quando sua mãe a levava junto à mata para coletar as plantas, uma conexão memorial que se dá pelos detalhes:

Eu ficava encantada de ver o cipozinho subindo na árvore, e elas tendo o jeito certo de colher a parte certa, e colher de jeito que não prejudicasse o desenvolvimento da planta para que quando precisasse tivesse novamente, e de repente a gente encontrava uma outra planta e para mim aquilo era um encanto, o cheiro o cheiro da raiz, o cheiro da folha, o cheiro do mato, o cheiro das plantas que são perto do rio, isso eu tenho muito vivo muito presente na minha memória (SANDRA, 2020)

O interesse pelas plantas foi mutuamente se tornando mais íntimo conforme o crescimento de Sandra, a partir de sua juventude ela se aliou a coletivos engajados em questões ambientais e rurais, como o sindicato dos trabalhadores rurais e o sindicato da agricultura familiar, espaços onde compartilhava com seu companheiro e outros jovens uma organização fluida e articulada sobre tais assuntos. Após casar-se, Sandra também começou a fazer parte da Organização de Mulheres Trabalhadoras Rurais e neste vínculo era muito forte os debates sobre saúde integrativa (sobretudo das mulheres) em companhia das plantas medicinais. Experiências essas que no desenvolver de sua vida só foram agregando ao conhecimento que ela já trazia de sua casa.

Num contexto interiorano rural é muito comum que sua população tenha uma maior proximidade com as práticas e saberes tradicionais seja por diversos motivos, todavia reitero como mais marcante destes a cooperação comunitária. Ou seja, o hábito de partilhar conhecimentos que fazem parte do cotidiano contextual-cultural de muitas

gerações, quase um inconsciente coletivo que é herdado ou como já exposto um exercício de memória biocultural contra-hegemônico. E o caso de Sandra não é diferente pois o espírito de coletividade que permeia esses saberes e práticas são carregados por ela e sua família em toda sua trajetória de vida:

Porque da mesma forma que eu fui aprendendo com a minha mãe, fui aprendendo com outras mulheres né? que tem muito conhecimento, muita sabedoria, e essa sabedoria que não é adquirida na universidade né ? na academia, mas é adquirida na prática da vida, da observação das plantas, do conhecimento que vem sendo transmitido também de geração em geração (SANDRA, 2020)

Para além da sua terra de procedência, Sandra já chegou a morar com seu companheiro numa área de produção camponesa onde conseguiram identificar mais de 50 variedades de plantas medicinais, neste espaço também faziam muitas trocas de mudas e plantas com agricultores e agricultoras. Na atualidade mesmo morando numa área considerada urbana continuam a cultivar e partilhar uma diversidade de plantas medicinais e alimentícias por meio de seu quintal, assim cultiva-se e partilha-se não apenas as plantas em si, mas os saberes e práticas em torno dessa medicina. É dessa forma que Sandra torna-se uma mulher influente na região fronteira pelo reconhecimento de seus ensinamentos e práticas de cura, sendo responsável por muitos diálogos de saberes sobre as plantas não somente curativas, mas também alimentícias. Portanto ela coopera com as plantas (além das expressões de cuidados e afeto) com o compartilhamento das vozes das plantas: difundindo sementes, mudas e saberes não apenas em seu círculo social como também em oficinas, mutirões, projetos, universidades e escolas.

E para Sandra, as plantas oferecem mais do que uma melhor qualidade de vida e tratamento de sintomas e/ou doenças, elas cooperam numa dimensão mais arraigada proporcionando ademais uma autonomia pessoal e coletiva. Sandra aponta que a relação estabelecida pela indústria farmacêutica com a sociedade faz parte de um conjunto sistêmico hegemônico gerido por grandes transnacionais que também são responsáveis por coordenar o sistema agroalimentar:

Elas nos intoxicam, elas nos deixam doentes, e elas nos vendem os remédios, qual é a função do remédio? remediar e não curar né, então visando o lucro, a gente fica dependente desse sistema agroalimentar que causa doença e que vende o remédio que não tem objetivo de curar que tem objetivo só de remediar (SANDRA, 2020)

Neste sentido, as plantas além de medicina e cuidado tornam-se para Sandra um meio de oposição e soberania frente à dependência estabelecida pela indústria farmacêutica e sistema agroalimentar, pois apesar de estarmos focando o estudo nas plantas como sujeitas de cura percebe-se na trajetória de Sandra muito presente as temáticas camponesas, rurais, agroecológicas e biodiversas, portanto as plantas para ela contribuem com essa autonomia não apenas medicinal como também alimentícia, evitando assim com que ela faça inteiramente parte do ciclo vicioso de alimentos intoxicados e remédios viciantes.

Considerando também que muitas plantas alimentícias são também medicinais e vice-versa, até por esse consentimento que ocorre a mudança no termo ervas medicinais para plantas medicinais. Sandra cita, dentre muitas que fazem parte do seu cotidiano, plantas alimentícias e medicinais como: açafrão, maçã, gengibre, inhame ou até o figo, a manga e o maracujá, onde não a fruta em si é medicinal, mas partes como as folhas contém os princípios ativos.

Ainda sobre a alopatia é importante dizer que existe um reconhecimento da parte de Sandra sobre os medicamentos sintéticos, uma vez que a discordância se fundamenta no modelo sistêmico ocidentalizado de elaborar a saúde como ausência de doença e de consequentemente não buscar um tratamento integrativo social, cultural e biológico. Concepção essa que se desdobra não somente nos tratamentos terapêuticos sancionados, mas também na distinção de plantas dispostas a sociedade tanto para medicina quanto para alimentação. Logo, limita-se a diversidade de plantas disponíveis (comercialmente) orientando-se por um convencionalismo mercantil que escolhe um pequeno conjunto de plantas “domesticadas”²² objetivando, mais do que a alimentação interna da população, a negociação dessas plantas no mercado externo. Nessa lógica, Sandra difere-se ressaltando a necessidade de consumir mais plantas não apenas em sua estação adequada, como também consumir as plantas de suas regiões naturais, isso é que nascem espontaneamente, conhecidas como PANC (Plantas alimentícias não convencionais) “sempre com essa observação da gente pensar e ter esse olhar crítico de de quem convencionou o que são convencionais e quem convencionou que essas plantas não são convencionais” (SANDRA, 2020).

²² Contra-ideia de domesticação generalizada das plantas como sujeitas passivas, visto que se uma planta é domesticada você também é domesticado ou domesticada por ela em uma relação interdependente.

III.II Teolide

Teolide, vinda de uma família de doze irmãos e pais agricultores, tem como seu local de nascimento a roça, onde as plantas sempre desempenharam para sua família uma função medicinal e não somente pelo contexto local como também por razões financeiras. Sua mãe era a responsável por essa mediação das plantas com a família, aplicando seus conhecimentos medicinais que ela obtinha também com o padre da região. Quando Teolide cresceu, passou também a apoiar sua mãe nesse ofício, ajudando a cuidar dos seus irmãos quando ficavam enfermos e, desse modo, indo ao mato buscar as plantas que a mãe lhe pedia, ela foi florescendo esse saber. Mais tarde, ela continuou a desenvolver esse conhecimento com trabalhos realizados juntos a pastorais e clubes de mães, no entanto Teolide efetivamente expandiu esse saber no Yanten²³, e foi nesse espaço em que profundamente se entregou ao conhecimento das plantas:

Quando eu despertei para o Yanten lá pelos anos 1980, (...) daí foi diferente porque eu comecei a ver as propriedades das plantas, comecei a ver nome científico e pesquisar mais. Então eu sempre tive é claro esse cuidado de me tratar com coisas caseiras, aquilo... também tratar minhas meninas quando tive minha família, mas eu fui aprender melhor e entender melhor o princípio ativo, porque elas agem no organismo como elas agem, foi depois do estudo que eu comecei então fazer ali no Yanten (TEOLIDE, 2020)

Nesse sentido, Teolide foi conectando toda a prática e conhecimento que presenciava sua mãe exercer, agora com uma observação biológica e química das plantas, ressignificando seu forte interesse pelo assunto. Antes disso, acreditava que as plantas medicinais funcionavam “somente” por fé, e então entendeu que tinha sim questões de fé, mas também tinha os princípios ativos das plantas reagindo com os do nosso corpo, “então misturava reza com fé, com planta”. Dinâmica esta que norteou a vida inteira de Teolide, pois chegando no Yanten ela percebe também o fato de ter uma intuição mais elevada para identificar as plantas “acho que é uma graça de Deus, isso eu trago da minha mãe, isso eu trago da minha família, mas eu tenho facilidade incrível de reconhecer as plantas não esqueço mais”. Concebendo que esse diálogo aberto com a

²³ “Instituído em meados de 1990 com apoio da Paróquia Nossa Senhora Medianeira, o Centro surgiu em meio a ascensão de movimentos sociais liderados por mulheres que visavam a formação em saúde e a luta das mulheres por todo o Paraná(...) com formações e cursos anuais para grupos locais e pessoas vindas de outras regiões, para o uso correto das plantas medicinais para o bem da saúde. O que tornou hoje desta associação sem fins lucrativos, referência no assunto” (CÂMARA MUNICIPAL DE MEDIANEIRA, 2017)

natureza esteve permanentemente em toda sua vida, e desde sua infância já tinha hábitos e práticas de afeto e cuidado com a natureza.

Hoje Teolide é terapeuta holística, radiestesista, inclusive tem com sua família uma chácara onde cultivam diversos tipos de espécies aspirando por propagar e conservar uma maior biodiversidade de plantas possível, todavia em sua casa também há espaço para horta, estufa e suas ervas. Por meio do seu trabalho com o Yanten ela oferece palestras e oficinas para constantemente multiplicar esse saber, além disso oferece em preços acessíveis produtos naturais orgânicos como pomada, tintura, sal, ou as próprias ervas secas colhidas por elas para preparação de chás. Teolide ainda leva com ela mudas e sementes em todos os espaços que é convidada, espalhando conhecimento sempre junto com as plantas:

Eu não eu não sei falar de plantas medicinais sem não ter elas juntas. Onde eu vou, eu vou com umas duas sacolas de planta e de preferência com raízes ou as batatas porque a gente precisa dar pernas para as plantas, asas e pernas, elas precisam caminhar, então a gente propaga elas também! não é só os insetos, que faz a polinização, mas nós seres humanos responsáveis pelo meio ambiente pela natureza, temos também que cuidar e dar pernas as nossas plantinhas, coletar sementes, distribuir sementes. (TEOLIDE, 2020)

Na troca de conhecimento, Teolide atribui grande importância à transmissão de todos os detalhes de cuidado e preparação das plantas, desde: como fazer mudinhas sem agredir as plantas (de maneira que esta mudinha também se desenvolva bem), quais partes das plantas usar para fazer chás e outros fármacos, a quantidade de erva seca ou erva fresca e suas diferenciações, quais plantas podem ser fervidas e quais infusionadas, preocupar-se com o excesso e possíveis toxinas presentes, entre muitos outros mínimos, mas essenciais, detalhes.

Teolide também se atenta às particularidades regionais das plantas, pois os nomes populares tendem a variar muito pela identificação regionalista das pessoas. É muito comum atribuir um nome por uma característica singular da planta, por exemplo *Stachys byzantina* que é comumente chamada por peixinho da horta, mas também leva os nomes de lambarizinho, orelha de coelho, orelha de lebre, lambari de folha, etc. Por isso, Teolide aponta a necessidade de “ter um olho na vida e um olho no livro” para não confundir as plantas e suas aplicabilidades.

Ademais, dentro ainda dessa questão, Teolide aponta sobre como as plantas nativas e espontâneas da região tem uma semelhança com sua própria população, ou seja são

mais aptas a atenderem enfermidades típicas locais, portanto as plantas PANC tem princípios ativos que amparam conjuntos de disfunções típicas locais, como por exemplo: lugares frios que facilitam doenças respiratórias contém mais plantas nativas com propriedades broncodilatadoras.

O vínculo de Teolide com as plantas é íntimo ao mesmo tempo que coletivo, uma relação amistosa recíproca onde as plantas proporcionam conhecimentos e cura e Teolide promove diálogos de afeto e escuta sobre elas. Conexão essa que vai além do plano físico e se estende a um plano simbólico sensível:

A planta tem uma energia muito grande, eu aprendi que: passar no meio das plantas você se reabastece de energia, você se descarrega de energia densa... ah tem tanta coisa, as plantas tem que ser irmãzinhas da gente. (TEOLIDE, 2020)

Existe um respeito muito significativo nesta relação, Teolide buscar entender em seus estudos não apenas os fitocomplexos que envolvem as plantas, ela busca a história, trajetória e a ancestralidade. O que faz com que as ações dela sobre/com as plantas sejam de enorme afeição, Teolide entende a necessidade do amargor de alguns chás, entende a duração e condições de tomar e preparar o chá. E dentro desse processo de entendimento ela potencializa suas práticas e possibilita maiores mudanças internas e externas com a medicina das plantas.

III.III Benquerença entre humanas e plantas

Chamo atenção ao fato de que para ambas, Sandra e Teolide, as plantas são companheiras de vida e estão presentes desde a infância até a os dias atuais, tal afinidade que faz com que as práticas de cura e cuidado se expandam à práticas políticas e sociais que modificam vidas e mundos. Nessa interação biodiversa, as duas integram-se ao mundo das plantas, ou seja, não buscam estudá-las a partir de olhos externos, mas como participantes indispensáveis desse. Por isso, para elas, a medicina das plantas não é apenas sobre determinar a fisiologia vegetal e indicar princípios ativos, é também sobre descobrir e ouvir a voz das plantas, a fim de conciliar-se com suas sujeitas de pesquisa. Esse modo conceber conhecimento só é possível fundamentado numa pluralidade epistemológica que foge do padrão hegemônico moderno, colaborando

para que o diálogo de saberes entre humanos e não-humanos seja feito através de um sistema comum, integrando reciprocamente os distintos conhecimentos envolvidos.

Ademais, vemos que as práticas de cura com as plantas são carregadas por um tradicionalismo ancestral que permeia as identidades de quem a repercute, tanto Teolide quanto Sandra vivenciaram (e vivenciam) em sua família essa sinergia genealógica que as serviram como princípio cultural afetivo para prosperar a relação dessas com as plantas.

Diferente de outros saberes, o conhecimento tradicional tem como característica intrínseca o elemento afetivo, das plantas sobretudo, o cuidado, a vontade de cuidar e vontade de curar. Esses componentes fazem com que a usuária ou usuário da medicina das plantas exerça um enfoque integral de cura, como também busque estabelecer um laço contínuo com as plantas mediante a consciência de interdependência dos seres humanos e não humanos. Essas expressões de cuidado são potencializadoras dos princípios ativos das plantas nos nossos corpos.

Outra característica potencializadora desta medicina é a religiosidade, a qual também faz parte da dimensão cultural. É interessante perceber que esse elemento em específico incrementa as plantas um outro princípio de cura, chamado princípio mágico. Diferentemente do princípio ativo, o princípio mágico precisa ser ativado (por meio de ritos, cantos, orações, cerimônias etc) e não apenas reconhecido. Coincidentemente ou não, tanto em minha conversa com Sandra como com Teolide foi citado a planta *Achyrocline satureioides* mais conhecida como Macela, que é comumente marcada por seu princípio mágico:

A dita macela que tem em todo o entorno dela a fé, mas ela era colhida perto... na toda sexta feira santa por causa da ressurreição, tinha que ser antes do sol nascer, na verdade ela naquela época ela já soltou um pouco de semente então ela ia perpetuar a espécie, acho que era isso um pouco que os antepassados deixavam para colher na naquela época e depois você sabe né, por questão da religiosidade popular então atribuíram esse valor religioso em torno dela. (TEOLIDE, 2020)

A atribuição dada a Macela ser colhida na Sexta-Feira Santa vem da crença de que o orvalho recebido pela planta nessa data é abençoado e responsável por potencializar a cura da planta, sendo relatado até resultados milagrosos se cumprido o rito apropriadamente. A definição do princípio mágico é dado justamente nesse sentido transformador, onde a partir de um rito a planta tem sua função modificada ou ampliada.

Tem essa questão dos traços culturais, sempre na semana da quaresma, na semana santa pros católicos a colheita da macela, porque nessa semana? Porque é o período que a florzinha está madura, não adianta colher ela também verde que não vai ter todos os princípios ativos da planta na flor. Então como eu estou na cidade agora, minhas irmãs, minha mãe, meu pai tem essa função preciosa de colher a Macela para nós. (SANDRA, 2020)

Todavia, como podemos observar junto a ação religiosa de colher a Macela na Sexta-Feira Santa, acompanham-se outras considerações pela escolha da data, porém todas as explicações seguem a mesma perspectiva de uma intensificação da prática. Em vista disso, podemos ponderar que a medicina das plantas quando reconhecida na sua pluralidade epistemológica é capaz de transcursar em distintas dimensões do conhecimento. Logo o estudo/diálogo com as plantas feito a partir de uma transdisciplinaridade, como é praticado por Teolide e Sandra, consegue acolher essas pluri dimensões que estão além de um experimento lógico de funcionalidade.

Dessa maneira, reconheço nas práticas e saberes de ambas que o embasamento da relação com as plantas permeia o afeto, a ciência, a cultura, e a crença, e é nesse companheirismo que tanto Sandra quanto Teolide reafirmam suas identidades e prosperam uma autonomia. Como mulheres o “papel” de cuidar atribuído ao gênero feminino também é ressignificado e expandido por elas em companhia das plantas, atingindo âmbitos políticos sociais que acabam por promover a emancipação dessas frente a estigmatização do trabalho de cuidado como apenas generoso e gratuito, fora a própria já mencionada mercantilização da saúde. Teolide e Sandra não se restringem a postura reducionista da ciência, elas integram conhecimentos e pluralizam o que se entende por ciência.

IV. Dos frutos: Medicina viva

A medicina das plantas é uma forma terapêutica popular, suficiente e autônoma de se promover e fazer saúde. Saúde esta, que junto às plantas, torna-se plural e complexa capaz de ampliar a nossa percepção sobre doença e cura, e assim fazer compreender que a saúde não está segmentada a um sintoma e tampouco é somente interna ao nosso ser. A interação com as plantas nos mostra como o conceito de saúde pode ir além do nosso modelo biomédico ocidental alopático, uma vez que o conhecimento dessa medicina se promove junto às coletividades e subjetividades geracionais que permanecem nas vivências cotidianas. Nós precisamos aprender a identificar as plantas, a cuidar das plantas, a conversar com as plantas e conseqüentemente trazemos isso a nós, nós precisamos tomar sol, tomar água e estar num local que gostamos, igual as plantas, e saúde é também sobre isso, não se reduz à ausência de enfermidade, é também sobre uma qualidade de vida, sobre promoção de vida.

Em minha troca etnográfica percebi que ainda dentro da própria medicina das plantas existe uma convenção excludente estabelecida no mesmo processo de mercantilização da saúde. As plantas mais disseminadas e comercializadas são as exóticas (não nativas), e não apenas as plantas medicinais, mas também as alimentícias. Sandra e Teolide orientam sobre a necessidade de buscarmos reconhecer a nossa própria flora, pois além da promoção da biodiversidade existe ainda o aspecto de que as plantas nativas têm princípios ativos que conciliam com as demandas de saúde dos nossos corpos. Ainda assim, o movimento de buscar reconhecer plantas espontâneas nativas nos traz a aproximação da rede coletiva de cura das nossas regiões, como também da ancestralidade em torno desses saberes. Como referido no capítulo II dentro da perspectiva indígena guarani é importante ponderar que toda planta pode ter poder de cura e que podemos independentemente sempre aprender com elas.

E é nesse sentido que busco com o seguinte livro guia apresentar a medicina das plantas como uma medicina viva, que baseia-se na relação entre seres vivos, onde existem premissas e contribuições de ambos os lados. É preciso desfazer uma imagem genérica de planta e restabelecer a importância da vida das plantas a par das nossas vidas. A medicina viva das plantas é aliada e produtora de vida.



Capa Livro Guia

O presente livro guia foi concebido com a intenção de partilhar um pouco sobre a ancestralidade da medicina das plantas e despertar práticas de cuidado em tempos tão difíceis de pandemia. É uma forma também de agradecer a comunidade de usufruidores dessa, que proporcionaram a esta pesquisa diálogos de saberes e experiências de cura.



As informações foram compiladas a partir do **uso popular** de plantas nativas do nosso continente (América Latina). Foram priorizadas plantas provenientes da Mata Atlântica e que não fossem convencionais, ou seja, plantas espontâneas não domesticadas.

A medicina das plantas é resultado de uma interação biodiversa entre humanos e plantas, que reciprocamente cooperam para a promoção de uma saúde integral.



As plantas não se resumem só a um valor prático e econômico, elas compõem nosso universo relacional e social. Elas abrem a possibilidade de nos reconectarmos cada vez mais com a nossa história, ancestralidade e valorizar esses saberes.

CUIDADOS COM AS FORMAS DE UTILIZAÇÃO E RECONHECIMENTO DA PLANTA

Ao utilizar as plantas medicinais deve-se sempre agir com **cautela** e **respeito**, verificando quais partes da planta podem ser usadas e se estas estão em bom estado (sem insetos, mofo, não estão próximas a áreas contaminadas).

É de extrema importância verificar as plantas por seus nomes científicos e não apenas populares, se informando também com pessoas da sua região que já façam o uso das plantas para auxiliar na identificação.

Ter certeza de seguir corretamente a preparação da planta antes de consumi-la.



FORMAS DE CONSUMO E NOMENCLATURAS

Infusão: A preparação consiste em colocar a água para ferver e, logo que as primeiras bolhas de fervença aparecerem, desligar o fogo. Despejar sobre a planta, em seguida abafar por um período de 5 a 10 minutos. É indicada geralmente para plantas aromáticas ou partes frágeis com substâncias voláteis.

Decocção: Nesta preparação a planta é fervida juntamente com a água, em torno de 10 minutos, após o tempo determinado é preciso tampar e esperar amornar. Habitualmente é utilizada essa forma de preparo para partes mais rígidas da planta.

Cataplasma: Consiste em preparar a erva como uma substância pastosa para ser aplicada na pele, muitas vezes quente entre panos ou gazes. Para isso é preciso amassar a planta e ir cobrindo com água morna até atingir um aspecto pastoso cremoso. É comum também acrescentar junto a água farinha para melhor consistência.

FORMAS DE CONSUMO E NOMENCLATURAS

Gargarejo: Agitação do decocto ou infuso ainda morno na garganta. Importante não engolir o líquido nesse caso.

Banho de assento: Preparar a partir de uma infusão ou decocção (a depender da planta e parte usada) e sentar no preparo, imergindo na água até os quadris.

Xarope: A preparação é feita mediante a mistura de uma decocção ou infusão junto a calda dissolvida do açúcar. Ferver água (a proporção é duas partes de açúcar para cada uma parte de água) junto ao açúcar até engrossar e atingir um ponto de calda, logo após esfriar misturar o chá da planta à calda.

Escalda-pés: Preparo mediante a um decocto ou infuso ainda morno geralmente acrescido de algum sal (marinho ou grosso) imergindo os pés.

ERVA-BALEEIRA - *CORDIA VERBENACEA*

Sinonímia popular: Erva-baleeira, erva-preta, maria-preta, maria-milagrosa, catinga-de-barão.

Partes usadas: Folhas.

Propriedades Terapêuticas: Antiinflamatória, diurética, anti artrítica, analgésica.

Nativa das regiões costeiras tropicais da América, a Erva-baleeira é principalmente usada por suas características anti inflamatórias sendo muito eficiente para qualquer caso de dor muscular. Para isso, é comum que se prepare uma infusão a partir de suas folhas, mas também pode ser preparado mediante essas escalda-pés e cataplasmas. Ademais a infusão é também empregada para o estímulo dos rins e aumento da diurese.

A Erva-baleeira é aliada aos povos litorâneos e pescadores há muito tempo, sua eficácia é tão reconhecida que existe um spray tópico amplamente renomado desenvolvido com base no seu princípio ativo por um dos maiores laboratórios farmacêuticos brasileiros.



Arbusto alto aromático
Tamanho das folhas podem variar a depender da
exposição ao sol
Folhas lanceoladas com textura áspera e bordas
levemente dentadas
Quando a flor é fecundada e cai se forma um
fruto vermelho

Desenho Erva-Baleeira

AROEIRA - *SCHINUS TEREBINTHIFOLIA*

Sinonímia popular: Aroeira-vermelha, aroeira-verdadeira, pimenta-rosa.

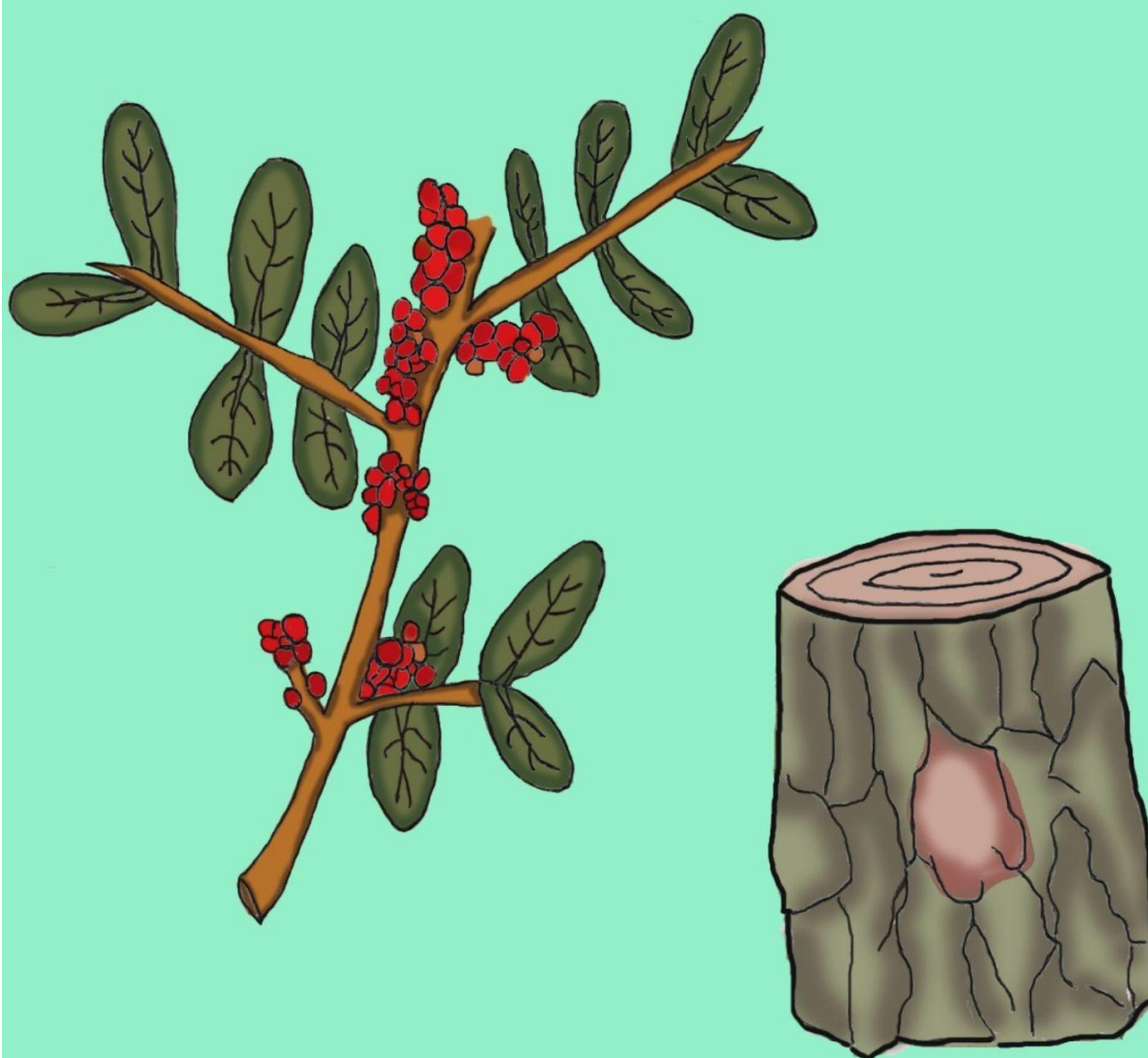
Partes usadas: Casca, frutos.

Propriedades terapêuticas: Antiinflamatória, cicatrizante, adstringente, antimicrobiana, digestiva.

Nativa do sul da América Latina a Aroeira chama muito a atenção por suas propriedades medicinais. Da casca é possível fazer, mediante a decocção, banhos de assento (muito utilizado por mulheres pós parto), compressas, gargarejos, como os próprios chás em si, para uma ação anti-inflamatória, cicatrizante e antimicrobiana. Os frutos na forma de decocção podem ser bebidos para alívios de azia e gastrite e também são usados como substitutos de pimenta, vendidos como “pimenta-rosa”

Para além dos fins medicinais, a Aroeira é notada pelo uso ornamental, sendo também muito cultivada para reflorestamento.

Parente da Aroeira-salsa (*Schinus molle*) que contém outras propriedades terapêuticas e não se deve confundir. A aroeira contém princípios mágicos que podem ser ativados por meio do decocção de suas folhas e realizado um banho do pescoço para baixo para descarrego e reforço de imunidade.



Árvore mediana
Copa larga revestida de casca grossa com a
casca interna avermelhada
Casca escamosa
Folhas e frutos aromáticos

Desenho Aroeira

GERVÃO-ROXO - *STACHYTARPHETA CAYENNENSIS*

Sinonímia popular: Chá-do-brasil, gervão

Partes usadas: Folhas, flores, ramos, raízes.

Propriedades Terapêuticas: Anti-inflamatória, analgésica, anti-histamínico, antimicrobiana e tratamento de distúrbios gástricos.

Espontânea nativa do Brasil ao México, o Gervão-roxo é tipicamente usado na forma de infusão como um excelente tônico estomacal, mas o infuso é também recomendado para gripes e resfriados suprimindo as tosse, remediando alergias e febre. Para mais, como cataplasma é apropriado para tratamento de lesões cutâneas e contusões. Os princípios ativos se encontram por toda a planta, mesmo sendo mais usada as folhas, a planta toda é consumida tanto nas infusões quanto no cataplasma.

O Gervão-roxo contém princípios mágicos que podem ser ritualizados por meio de banhos com infusões da planta para descarrego do corpo astral. Também é conhecido como planta das fadas, pois suas flores seriam o alimento dessas como agradecimento a proteção da mata.



Subarbusto ramificado
Folhas ovais opostas com bordas bem
dentadas
Inflorescências nas espigas

Desenho Gervão-Roxo

PICÃO-BRANCO - *GALINSOGA PARVIFLORA*

Sinonímia popular: Botão-de-ouro, fazendeiro, guasca.

Partes usadas: Folhas, flores e ramos.

Propriedades Terapêuticas: Vulnerária, antioxidante.

O picão-branco é uma planta nativa neo tropical sendo espontânea em todo o Brasil. Em suas folhas está a maior concentração de princípios ativos, normalmente essas são preparadas por meio de infusões (erva seca) ou decoctos (erva fresca) e usadas no tratamento de estômago. O suco da planta também é usado para coagular o sangue auxiliando o tratamento de cortes e feridas.

Além de suas propriedades medicinais, o caule e as folhas podem ser preparados cozidos, crus e até como aromatizantes. Tem como semelhante o Picão-preto (*Bidens pilosa*) e a Erva-de-touro (*Tridax procumbens*) que contém outras propriedades terapêuticas e não se devem confundir.



Caule ereto
Folhas ovuladas mas de forma aguda
recobertas por pequenos pelos
Borda das folhas levemente serradas
Flores pequenas em glóbulos

Desenho Picão-branco

BELDROEGÃO - *TALINUM PANICULATUM*

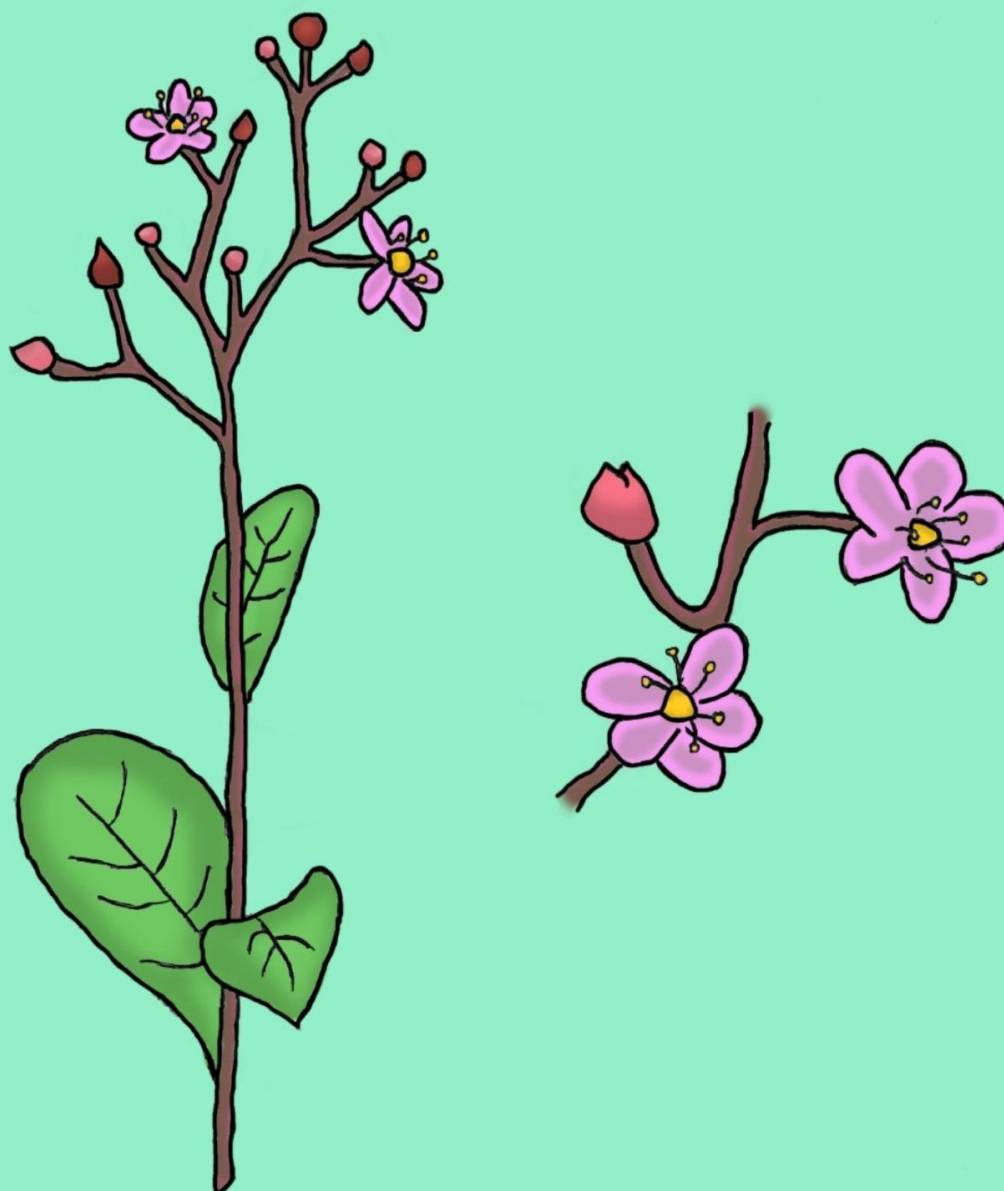
Sinonímia popular: Erva-gorda, maria-gorda, carne-gorda, língua-de-vaca.

Partes usadas: Folhas, raízes e sementes.

Propriedades Terapêuticas: Emoliente, anti-inflamatórias, diurética, emenagoga.

Nativa de todo o continente americano a Beldroegão é acompanhada de distintas maneiras na medicina tradicional, suas folhas podem ser usadas na forma de cataplasma para amolecer calos e estimular cicatrização de feridas, como também amenizar coceiras e inflamações tópicas. Já suas raízes são utilizadas na forma de decocto para inchaços ou limpeza dos rins. Por fim suas sementes podem ser ingeridas para estimular o fluxo menstrual

É considerada vistosa e por isso habitualmente empregada no uso ornamental, além disso é completamente comestível, das raízes, sementes e folhas.



Caule ereto bem ramificado
Flores pequenas nas extremidades
Folhas macias com forma espatuladas
Sementes dentro de cápsulas bem coloridas e
brilhantes

Desenho Beldroegão

PATA-DE-VACA - *BAUHINIA FORFICATA*

Sinonímia popular: Unha-de-vaca, mororó, unha-de-boi.

Partes usadas: Folhas, flores.

Propriedades Terapêuticas: Purgativa, diurética, hipoglicêmica, antioxidante, antibacteriana e fungicida.

Esponânea nativa no sul da América Latina, a Pata-de-vaca é uma grande auxiliar da medicina tradicional, uma infusão a partir de suas folhas é aproveitada de distintas maneiras. A infusão como chá é contribuinte no tratamento de diabetes como de problemas renais, todavia se aplicada no couro cabeludo é aliada contra a caspa, e se gargarejada (agitação do infuso) combatente de aftas. Além disso, a infusão feita a partir de suas flores funciona para casos de prisão de ventre e problemas no intestino.

É muito comum ser adicionada ao tereré para mais refrescância e efeito diurético.



Árvore de porte médio
Folhas ásperas com formato ovulado peculiar
semelhante a pegada de uma vaca
Fruto vagem alongado, as sementes são de
coloração castanho a pretas

Desenho Pata-de-vaca

CHAMBÁ - *JUSTICIA PECTORALIS*

Sinonímia popular: Anador, trevo-do-pará, trevo-cumaru.

Partes usadas: Folhas e flores

Propriedades Terapêuticas: Expectorante, broncodilatador, analgésica, anti-inflamatória.

Nativa de toda região tropical da América a planta Chambá é principalmente utilizada para enfermidades respiratórias como asma, inflamações no pulmão, tosses, etc. Para isso, é preparado uma infusão tanto das folhas quanto das flores ou então também é comum o uso na forma de xarope.

Habitualmente usufruída por povos indígenas da Amazônia no preparo do rapé (associado à cura de doenças de trato respiratório em geral), mas também contém o princípio mágico, que pode ser despertado em cerimoniais sagrados.



Caule suberecto com pelos curtos
Folhas opostas lanceoladas e
aromáticas
Flores pequenas irregulares dispostas
nos ramos

Desenho Chambá

Importante lembrar que os usos terapêuticos citados acima foram baseados nos usos populares mais práticos. É possível que exista ainda outras maneiras de utilizar as mesmas plantas, assim como outras propriedades terapêuticas não mencionadas.



As plantas podem ser usadas tanto secas como frescas, variando a quantidade a ser usada. O uso deve ser feito responsavelmente, procurando sempre se informar com pessoas da sua região que estudem e lidem com plantas a mais tempo.



Lembrete

ESTE LIVRO FOI BASEADO NA SABEDORIA
POPULAR SOBRE AS PRÁTICAS DE CURA COM
PLANTAS



TODA ILUSTRAÇÃO E ELEMENTOS PRESENTES
NO LIVRO GUIA SÃO AUTORAIS

AS PLANTAS PODEM SER TÓXICAS E NÃO DEVEM SER USADAS
EM EXCESSO OU MISTURADAS COM OUTRAS PLANTAS E
REMÉDIOS



V. Considerações finais

A discussão em torno dos saberes e práticas que envolvem a medicina das plantas é perpassada pelo diálogo e conflito entre o conhecimento popular e o conhecimento científico, considerando ainda o contexto contemporâneo da modernidade temos atravessado nessa discussão a demarcação de distintas oposições como, a noção de natureza e cultura e a compreensão mítica e racional. A percepção do conhecimento tradicional popular ancestral parte do sustento de memórias e práticas que advêm de uma herança cultural construída através de conhecimentos práticos empíricos de uma determinada população. Assim, a medicina das plantas é resultado do compartilhamento de experiências e crenças desenvolvidas ao longo de milhares de anos.

O confronto estabelecido pelo conhecimento científico vem junto com processo de modernização/secularização, que supõe um caráter pré-científico ou pseudocientífico a esses saberes que não tem uma origem acadêmica institucional. O conhecimento científico fundamenta-se em consensos teóricos compartilhados por uma determinada instituição ou comunidade epistêmica e presume ser neutro e impessoal e por isso universal, considerado numa escala evolucionista como conhecimento mais avançado e valorizado. Vem dessa mesma proposta de neutralidade a necessidade de separar as noções de natureza e cultura com o objetivo de segmentar a vida humana frente a vida não humana, e consequentemente posicionar a natureza à disposição utilitária da humanidade.

Todavia na inter-relação entre os saberes tradicionais e o saberes científicos, o ponto crucial que os coloca em âmbitos diferentes, e não apenas como divergentes, é a dominação que a ciência ocidental positivista impôs no ocidente e como esta influenciou o curso histórico de diversas sociedades (BARRERA, TOLEDO, 2015). Dando importância a esta compreensão temos o potencial de observar o reflexo desse predomínio na formação da conceituação biomédica ocidental sobre saúde. Os aspectos da ciência de desvinculação das dimensões ideológicas e políticas como da segmentação da natureza ressoam no conhecimento sobre saúde, e implicam na repulsa de incluir circunstâncias sociais, culturais, históricas e econômicas como fatores responsáveis pelos processos de saúde e doença.

A hegemonia estabelecida pelo conhecimento científico em conjunto a biomedicina ocidental sufocam as outras formas de promoção de saúde, colocando os processos de autoatenção como exclusivos do saber médico convencional. Essa predominância sistêmica traz à sociedade a sensação e o entendimento de que o único modelo eficaz e

admissível é o modelo médico científico ocidental. Ademais, a concepção trazida pela própria modernidade de dissociação dos componentes ideológicos resulta numa saúde pautada num biologismo despolitizado. A lógica de fragmentação desdobra-se ainda em consequências como a mercantilização da saúde, que lucra com a produção social de sofrimento e doenças.

Ao traçar essas relações opositivas entre as noções: popular e científica, tradicional e moderna, procuro expor que tanto modelo biomédico de saúde quanto o conhecimento positivista científico fazem parte de um sistema cultural como qualquer outro. Entender a determinação dos aspectos culturais na saúde se faz importante sobretudo para a não-homogeneização das perspectivas/técnicas médicas responsáveis por fazer saúde. Conceber o conceito de saúde como plural e não exclusivamente no modelo biomédico ocidental convencional, promove uma maior compreensão de que os processos de saúde podem estar entrelaçados a muitas outras circunstâncias do que só a ausência de doença, como também de reconhecer que práticas e saberes distintos desses podem ser tão habilitados e competentes quanto o convencional para a saúde.

Assim, perante o reconhecimento das práticas tradicionais numa concepção plural da saúde, interpreto no caso da medicina das plantas, a retomada do vínculo entre natureza e cultura. Que tenciona a ideia generalizada de plantas como matérias primas resumidas a um valor utilitário, e busca pensar nessas num feixe de relações afetivas biodiversas. A distinção entre natureza e cultura é o modo como o ocidente se caracteriza, a necessidade de criar essa relação de alteridade parte da identificação evolucionista de definir as sociedades "primitivas" e as sociedades modernas. A separação epistêmica desses conceitos possibilita ao ocidente estudar a natureza como um composto universal, enquanto presume-se conceber a cultura diversificada como conjunto de crenças e hábitos.

Como consequência disso, retrato que quando a medicina das plantas, que é um saber originário de povos que não distinguem a natureza como externa e controlável, é disposta nesta interpretação segmentada do pensamento moderno cientificista, ela é descaracterizada de sua própria essência. E passa a ser veiculada como complementar e sem grande potencial de cura, gerando até consumos inconsequentes de altas dosagens e misturas possivelmente tóxicas. A disjunção das concepções é encoberta pelo pensamento modernista como um avanço científico em busca de isenção, no entanto a própria separação entre natureza e cultura faz parte da perspectiva cultural ocidental no seu sistema de representações.

Deste modo, apresento na pesquisa que a invenção ocidentalizada reducionista não pode ser aplicada em questões onde os não-humanos também fazem parte das dimensões culturais, por representar ao nosso universo muito além de sua materialidade. Dentro do ponto de vista acadêmico proponho o exercício do pensamento complexo e da pluralidade epistemológica como instrumentos possíveis de aproximação da óptica híbrida e transcultural, para ser capaz de atribuir em sua ciência os não humanos como elementos importantes e considerar a sinonímia popular dos saberes. Como escrevo a partir de uma perspectiva antropológica e de uma fronteira física e simbólica, ressalto a potencialidade dessas para a transculturalidade e a prática do pensamento complexo, uma vez que tanto a antropologia quanto a fronteira atuam como pontos de convergências de muitas contradições, e buscam dialogar esses conflitos por uma harmonia não hegemônica.

O conhecimento e prática das plantas é produzido num enredo coletivo e comunitário, resultante de uma memória viva cumulativa. Conclui-se, portanto, que a relação traçada entre plantas e humanos é de interdependência, onde ambas as partes contribuem substancialmente para a existência um do outro. A sinonímia popular que envolve esse saber histórico é o que o manteve vivo em todos seus desdobramentos epistemológicos, falar das plantas é falar juntamente de todo um enredo que possibilita a vida.

Referências

- ALCÂNTRA, Gustavo; OMOTO, João; ARAUJO, Julio; RAMOS, Luciana (Org.). Brasília: ESMPU, 2019.
- ANDRADE, José Maria. Antropologia do mundo das plantas medicinais. Revista Habitus, Goiânia, v.7, n.½, p. 249-263, jan/dez. 2009.
- ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza : rumbo a uma nova conciencia. Estudos
- BARRERA, Narciso Bassols; TOLEDO, Víctor M. A memória biocultural: A importância ecológica das sabedorias tradicionais. Editora Expressão Popular. São Paulo. 2015.
- BERTONI, Moisés. De la medicina guaraní: etnografía sobre plantas medicinales. Buena Vista Editores, 2008.
- BRAGA, Carla .Historico de utilização de plantas medicinais. 2011. 24 f. Monografia (Graduação em Biologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- BRASIL, Câmara dos Deputados Legislação DECRETO Nº 5.813, DE 22 DE JUNHO DE 2006. Anexo: Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Disponível em<<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2006/decreto-5813-22-junho-2006-543661-publicacaooriginal-54192-pe.html>>. Acesso em: 11 set. 2019.
- CÂMARA MUNICIPAL DE MEDIANEIRA, 27 anos de Yanten, conheça um pouco deste movimento social. mai. 2017. Disponível em: <<https://www.camamedianeira.pr.gov.br/noticia/533/27-anos-de-yanten-conheca-um-pouco-deste-movimento-social>>. Acesso em: 22, abr. 2021
- CÁRDENAS, Linda. Mbyá Guaraní e turismo na tríplice fronteira: tensões e representações turísticas sobre "o Guaraní". 2018. 160 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

CASTRO, Rosana. Antropologia dos medicamentos: uma revisão teórico metodológica Rev. de Antropologia Social dos Alunos, Curitiba: v.4, n.1, jan-jun., p.146-175, 2012

CECCHETTO, Fátima. Transdisciplinariedade e plantas medicinais no empoderamento de mulheres em busca de sustentabilidade no sul do Brasil e norte da Espanha: experiências de resgate de conhecimentos. 2013. 496 f. Tese (Doutora em Agronomia) - Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 2013.

DESCOLA, Philippe. A antropologia da natureza de Philippe Descola, Rio de Janeiro, p. 495-517, out, 2012. Entrevista concedida a Raquel Campos. Feministas, Florianópolis, 13(3): 320, set/dez. 2005

FEIJÓ, Cristiane. Entre Humanos, Deuses e Plantas . 2015. 135 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2015.

FLORES, María; BOSCHEMEIER, Ana; GRECO, Lucrecia. Plantas compañeras. Coca, ayahuasca y el cuerpo de dos curanderas en Argentina y Perú In: VALCARCEL, Mayra; SOMOZA, Mari. (Org.). Género y religiosidades. Sentidos y experiencias femeninas de lo sagrado. La Plata: Bosques Editoras, 2019. p 93-113.

KUSCHNIR, Karina. A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas. Cadernos de Arte e Antropologia, Vol. 5, nº 2, pág. 5-13, 2016.

LATOUR, Bruno. Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

MARRAS, Stelio. O vozerio da pós-verdade e suas civilizatórias. In: OLIVEIRA, Joana; AMOROSO, Marta; LIMA, Ana Gabriela; SHIRATORI, Karen; MARRAS, Stelio; EMPERAIRE, Laure (Org.). Vozes Vegetais: Diversidade, resistências e histórias da floresta. 1. ed. Ubu editora, 2021. p. 37-56.

MATEUS, Elsa. Ervas que curam Da “Terra das Ervanárias” à produção de plantas medicinais e de conhecimento. 2014. 397 f. Dissertação (Doutorado em Antropologia) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014.

MAZOTI, Patrícia. Resenha: Jamais Fomos Moderno. *Investigação Filosófica*, v. 7, n. 1, 2016.

MENENDEZ, Eduardo. El Modelo Médico y la Salud de los Trabajadores. *Salud Colectiva*, La Plata, v. 1, n. 1, p. 9-22, jan. 2005.

MORIN, Edgar. O Método III: o conhecimento do conhecimento. 2. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1996.

MORIN, Edgar. O Método IV: as idéias, sua natureza, vida, habitat e organização. Lisboa: Publicações Europa-América, 1991.

NETO, Mohamed. Estudo para implantação de uma Farmácia Viva a partir do Horto de Plantas Medicinais e Tóxicas da FCFAr. Dissertação (Graduação em Farmácia-Bioquímica) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2015.

ONU, Organização das Nações Unidas. Contabilidade Ambiental no Brasil e América Latina é tema de novo relatório da ONU. *Nações Unidas Brasil* abr. 2021 Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/124402-contabilidade-ambiental-no-brasil-e-america-latina-e-tema-de-novo-relatorio-da-onu>>. Acesso em: 05 mai. 2021.

RUPPELT, Bettina; KOZERA, Carina; ZONETTI, Patrícia; PAULERT, Roberta; STEFANELLO, Suzana; Plantas medicinais utilizadas na região oeste do Paraná. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2015.

SANTOS, Silvana, HAMMERSCHMIDT, Karina. A complexidade e a religação de saberes interdisciplinares: contribuição do pensamento de Edgar Morin. *Rev Bras Enferm*, Brasília jul/ago. 2012 jul-ago p. 561-5. São Paulo, 28 jun. 1999. *Folha Turismo*, Caderno 8, p. 13.

STEIL, Carlo; ALMEIDA, Juliano. “Sexta-Feira Santa foi feito o dia de colher erva!” Apontamentos sobre as religiosidades nos itinerários da marcela em Guarani das Missões-RS. In: TAVARES, Fátima; GIUMBELLI, Emerson (Org.). *Religiões e temas de*

pesquisa contemporâneos: diálogos antropológicos. Salvador: EDUFBA : ABA Publicações, 2015. p. 415-439.

SUSSEKIND, Felipe. Natureza e Cultura: Sentidos da diversidade. Interseções. Rio de Janeiro v. 20 n. 1, p. 236-254, jun. 2018

VINHOLI, Airton José. VARGA, Icléia. Aproximações etnobiológicas no conhecimento sobre plantas medicinais: possibilidade para promoção no ensino em saúde. Interfaces da Educação, Paranaíba, v.6, n.17, p. 162-187, 2015.

ZÉLIA, Mara. Plantas Medicinais. 3. ed. Salvador: EDUFBA 2011.